

LUIZ MOURA

*Resgatando  
suas  
Origens*



*Diagramação*

CRISTIANE SPEZZAFERRO

*Revisão*

SABRYBE MATOS

*Foto da capa (adaptada):*

CRISTIANE SPEZZAFERRO

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTA OBRA, DE QUALQUER FORMA OU POR QUALQUER MEIO ELETRÔNICO, MECÂNICO, INCLUSIVE POR MEIO DE PROCESSOS XEROGRÁFICOS, INCLUINDO AINDA O USO DA INTERNET, SEM PERMISSÃO EXPRESSA DA EDITORA, NA PESSOA DE SEU EDITOR (LEI 9.610 DE 19/02/1998). TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS PELA EDITORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M929 Moura Jr, Luiz Geraldo de Souza  
Resgatando suas Origens/ Luiz Moura  
São Paulo, 2016  
ISBN 978-85-5832-014-6  
1. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869



## DEDICATÓRIA

✓ A Deus pela oportunidade de estar vivo, por me orientar a sempre seguir os caminhos do bem e pela minha família perfeita.

✓ Aos meus pais, Luiz Geraldo de Souza Moura e Rita Maria Aparecida Oliveira Moura, pelo amor, pela educação e exemplos de caráter.

✓ A minhas irmãs, Cristiane Moura e Claudiane Moura.

✓ Aos meus sobrinhos, Caroline Moura e Caio Moura.

✓ Ao meu afilhado Wallace Christian.

✓ Aos meus alunos e clientes MKPRO.

✓ Aos amigos do Brasil e de Portugal.

✓ Aos grandes professores que se dedicam a transformar vidas.

✓ Glória ao Senhor Jesus Cristo







## Prefácio

Conheci Luiz do outro lado do Oceano Atlântico, numa cidade com nome de Vila, num cantinho da Europa, onde talvez tenhamos nos dado tempo para consertar os nossos “pneus furados”. Foram dois encontros de 30 dias onde dividimos momentos de aprender e de ensinar. Ele logo se tornou líder de turma e com sua simplicidade, fez brasileiros em terra alheia, garantirem alguns bons e certos direitos.

Com ele vivi momentos simples e profundos de boas prosas e reflexões que me fizeram também, regados a bons vinhos e como diz o título do livro, resgatar minhas origens. Lembro em uma noite, na frente do alojamento onde ficávamos sentados num muro, como homens do interior que ele descreve no livro, proseávamos sobre nossos sonhos e caminhadas até ali.

O livro, como o próprio autor me disse, foi um desejo e aí está feito. É um prazer e gratidão para um amigo de Jequié da Bahia, que surpreendentemente vejo aparecer na história do livro, acompanhando um sábio cientista pelas belas vias européias. Estou aqui dividindo neste prefácio o prazer de ter lido esta obra em primeira mão e ter mergulhado na proposta do autor.

Che Guevara, dizia: “Todo homem deixa de ser escravo, quando se torna arquiteto de seu próprio destino”.

Para os psicanalistas, também temos ricos momentos de descobertas, a que chamamos de “insight”, um momento de clareza súbita da mente, um estalo de luz. O livro nos remete a isso: a possibilidade de ter um estalo de luz e construir destinos diferentes.

Em **Resgatando suas Origens**, o autor nos mostra a face do ser humano, eterno “ser faltante”. Nos leva a refletir sobre sua busca numa era já chamada de “A Era da Loucura”, pelo escritor Irlandês Michael Foley. E nesta escrita, Luiz nos faz lembrar de homens de outrora ou atuais, que sentavam ou ainda sentam em suas cadeiras na porta de casa, a prostrar com quem passa e com quem ao seu lado sentar. Nesta parte do livro, emocionado, lembrei-me do tempo de menino, quando ao lado de meu pai e minha mãe, sentávamos lá em Jequié e realizávamos nosso ritual de admirar a vida na porta de casa, sempre falando com os transeuntes.

Nesse contexto e chamando atenção de que as coisas simples podem nos apresentar riquezas incalculáveis, o autor nos leva a refletir sem dogmatizar a boa ação, pois esta depende de cada um. E faz isso usando do que há de mais rico na arte de apoio ao crescimento humano, que é fazer perguntas, já diriam os profissionais “coaches”. O poeta Almir Sater, declamaria: “Penso que cumprir a vida seja simplesmente, compreender a marcha e tocando em frente...”. E Luiz no livro afirma: “Temos que seguir conforme nosso tempo e nossa velocidade, pois cada pessoa tem sua vivência”.

Luiz escreve para o homem moderno, mergulhado nas exigências de uma felicidade a qualquer preço e recheada de muito ter e pouco ser. Escreve para o homem

pós-moderno, que sofre as consequências do “mal-estar da pós-modernidade”, do homem de prazeres líquidos e passageiros, como afirmaria o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman.

Quando então mergulha no cenário onde o seu “Homem da Grande Metrópole” vai tentar resolver um simples problema de pneus furados, o autor nos brinda com uma descrição cheia de detalhes, de imagens, sentimentos e sabores, que nos leva a suspiros e água na boca, e nos conduz a mergulhar numa vila interiorana onde boas coisas acontecem. Essa riqueza de detalhes só é possível de ser feita por aqueles que viveram, sentiram ou sonharam tão profundamente essas paisagens, acredito ser o caso do autor. E nisso o livro nos faz retornar a algumas raízes e perceber a sensibilidade e lembranças de Luiz.

Os personagens são mostrados como seres humanos simples e ricos no viver. Riqueza e pobreza não é o centro da mensagem da história, mas os bons momentos que podem ser aproveitados. Como diria Dona Zezé: “A vida é feita de bons momentos”, e o sábio garoto Geraldinho: “O caminho percorrido, mesmo que seja rotineiro, sempre nos mostra um destino diferente e novas experiências”. São essas perolas que nos são mostradas neste livro simples, rico e que poderá nos ajudar nas análises de nosso rotineiro caminho.

O professor e filósofo, Clóvis Barros, atualizando as leituras filosóficas da vida boa em seu livro “A vida que vale a pena a ser vivida”, deixa claro que “não há dicas ou artifícios para se dar bem na vida”, e destaca que “a soberania para deliberar sobre a própria vida, com todos

os riscos, é nosso único e verdadeiro patrimônio”. O autor deixa transparecer isso em seu relato.

Luiz, no **“Resgatando suas Origens”**, nos relata a existência de uma cidade – aqui na Bahia, chamamos de “um canto” – onde existem riqueza e simplicidade vividas por pessoas normais – ou ditas normais – como cada um de nós que agora se debruça sobre esta leitura. Um “canto” real ou imaginário? Seguindo a linha do autor, perguntaria: Onde está, ou onde será esse nosso “canto”? Será que não está mais perto do que imaginamos? Quais decisões preciso tomar para nele estar?

De coração agradecido fico por aqui, desejando a todos uma boa viagem a seus “cantos”, a cidade que propõem o autor. Reflitamos e festejemos a vida.

Luiz, parabéns e obrigado por nos permitir viajar em seus desejos.

Desejo a todos felicidades e “pneus furados”.

ISAILTON REIS

BAIANO DE JEQUIÉ.

“ETERNO ESTUDANTE DA VIDA QUE QUERO DAR.”





## Apresentação

Já se passaram alguns anos de vida, muito investimento em estudo, carros comprados, casa própria, livros escritos, idas e vindas ao exterior, porém foi num momento de certeza da fé divina, que encontrou a esperança de atingir equilíbrio mental, quando se entregou a explorar a maior rota de sua vida, onde seguiu em direção (sendo levado pela energia) por uma cidade pouco conhecida, mas que mantém o espírito de paz que todo homem das grandes metrópoles não se lembra mais. Ao viver uma jornada corrida, com inúmeros compromissos, trânsito, contas e a sensação que todo investimento em estudo ainda é pouco para chegar aonde almeja, chega uma hora em que sempre somos questionados por uma voz que mentalmente se comunica e indaga: “mas afinal de contas, onde as pessoas querem chegar com toda essa agitação e consumo desenfreado?”. Acordar, abrir a janela e ver uma cidade petrificada, com carros e motos passando como se estivessem apostando corrida, evidenciando a velocidade para se chegar num determinado compromisso, onde a ansiedade gerada em momentos anteriores se encerra em menos de cinco minutos quando se concretiza um ato, gerando novos anseios, novas buscas, novos caminhos para a realização de uma busca incessante por sempre ter que cumprir uma obrigação.

Aproveitando algumas palavras dos executivos, “a vida é corrida e só vencemos os obstáculos cumprindo todos os objetivos diários e metas a serem batidas”, podemos então perceber que a sensação do TER já foi atropelada pela sensação do SER.

Será que ainda encontramos aquelas pessoas que trabalhavam e se sentiam felizes com suas tarefas, se sentiam ricos em poder ajudar seus vizinhos, e ainda, se sentiam importantes por terem amigos de prosa, amigos que colocavam cadeiras na porta de casa no final da tarde, dividiam algum alimento e bebida, aproveitando a temperatura agradável e vivendo cada minuto do dia? Casas de telhado baixo, com portas e janelas de madeira e uma cadeira de balanço para se sentar, ouvindo o som dos pássaros, e poder pegar uma fruta diretamente da árvore. Onde estão essas coisas? O que fizeram com o mundo? Quais os motivos de tanto consumo, de tanta ignorância e da falta de diálogo? Onde está o prazer por uma boa leitura? Será que ainda temos tempo de recuperar o que fizemos de bom no passado? Como conseguiremos reduzir as necessidades que nos impuseram como fator primordial para sermos aceitos na sociedade? O homem será capaz de sobreviver a tanta cobrança?

Com tantas perguntas, só lhe resta continuar esta leitura e acompanhar a trajetória de um ser humano em busca da riqueza existente nas coisas simples, estas que geram a grande sensação de felicidade e do sentido na vida. Venha comigo por esse caminho que também pode ser o seu, e encontre a sua verdade na busca pela realização dos seus sonhos.

## *A busca constante*

Eu preciso bater essa meta, preciso usar as redes sociais para expor o meu trabalho, tenho que distribuir meus cartões, preciso manter meu site atualizado, tenho que investir em propaganda, preciso comprar roupas melhores, ter um telefone de última geração, um relógio bacana, um perfume conhecido, cabelo cortado e um carro importado... EU TENHO! Só assim serei notado como um homem de sucesso, de realizações, de grandes viagens, de premiações.

É isso mesmo? Minha rotina não permite dormir direito, sinto dores pelo corpo, só relaxo a base de remédios e sempre pago juros para cobrir minha conta bancária.

Está satisfeito? O que eu posso fazer, a vida é assim mesmo, todo mundo vive assim, estou no caminho certo, estou investindo tudo para chegar onde eu quero.

Mas o que você quer? Eu quero que as pessoas pensem que estou bem, vivo buscando algo para ser muito bem aceito na sociedade!? Opa, o que me tornei? Vivo agora para impressionar as pessoas ou vivo para me tornar uma pessoa melhor?

Você já percebeu que o relato acima está num ponto de total descontrole, sem qualquer sentido sobre uma rotina feliz, sobre uma vida de qualidade, onde nossas escolhas devem sempre ser em função do nosso bem estar e de

nossa família, e não pela busca do acúmulo de objetos. E por falar em família, vejamos os capítulos seguintes onde teremos alguns exemplos e gestos simples, que nos fazem perceber a importância de saber ouvir as experiências dos mais velhos, das pessoas que já passaram pelas mesmas dificuldades e souberam superar com base na paciência e na perseverança, pois como uma vez escutei a frase do pai de um grande amigo, com a idade já avançada por anos de sabedoria: “Meu filho, nesta vida só não damos jeito para a morte, pois qualquer outra coisa conseguimos resolver”. Vejamos com isso que temos que refletir sempre sobre como devemos encarar os percalços da vida e sem desespero.

Se você pretende prosseguir, pense que temos 24 horas no dia que vivemos em constante tomada de decisão, e o melhor de tudo é que para termos uma vida mental saudável temos que seguir conforme o nosso tempo e nossa velocidade, pois sabemos que cada pessoa tem sua vivência, sua cultura, sua história de vida e a sua forma de resolver as coisas, assim sendo, devemos entender que precisamos caminhar, mas desde que façamos o nosso percurso conforme nossa condição e sem frustração.

Seguindo o próximo capítulo encontraremos a experiência de adentrar num conto, numa cidade onde a sua velocidade em nada se parece com as grandes metrópoles, e a única certeza é que vivemos num mesmo ambiente, porém com necessidades diferentes e ao mesmo tempo iguais... Ficou confuso? Vamos avançar na leitura.

## *A chegada na cidade*

Como um pneu furado pode mudar a vida de uma pessoa? A luz do sol já diminuía, e lá estava o homem da grande metrópole dirigindo seu carro blindado por uma boa estrada no interior do país, com diversas placas apontando para cidades que nunca tinha escutado falar. De repente escutou um barulho e seu carro já não estava com total estabilidade, tendo que parar no acostamento e se deparar com um pneu quase vazio e outro também arriando. Rapidamente trocou o pneu que já estava vazio e entrou na primeira cidade que indicava uma placa de ser a mais próxima, local onde deveria ter uma borracharia para resolver o seu problema. Seguiu por uma rua com várias casas de taipa, aquelas feitas com barro, madeiras e varas de bambu, construídas com as mãos. Vendo algumas casas prontas e outras despencadas, imediatamente veio o pensamento de como as pessoas vivem em locais diferentes do seu, e novas imagens vieram a sua cabeça, de como seria viver nesses lugares com chuva forte, será que existia luz, água encanada e um banheiro? Ao ficar pensando tanto sobre isso, logo uma voz que sempre se comunica com ele mentalmente lhe disse:

— você conseguiria viver numa casa de taipa? Teria condição de criar um projeto de construção de casas com

a força da sua rede de contatos para ajudar pessoas necessitadas?

Sabemos que os moradores dessas casas não são necessitados, que as casas de taipas são culturalmente erguidas conforme o costume de determinadas regiões, e que atendem a comunidade e suas necessidades básicas, entretanto, pensamos que estas pessoas viveriam melhores se estivessem em casa de alvenaria ou madeira apropriada para erguermos casas duradouras. O homem das grandes metrópoles, ou vamos usar HGM, seguiu em busca da resolução dos seus pneus furados, tentando acelerar para “atingir a sua meta”, mas logo percebeu que precisa reduzir a velocidade, pois dirigia por uma rua com alguns quebra-molas (lombadas), encontrou cachorros deitados na pista, cavalos, um gado branco pastando em grandes áreas verdes, e sua mente se confundia com o que via e como seria adaptar aquela vista a sua realidade na capital.

HGM, acostumado com inúmeras construções, logo pensou em voz alta: “como ainda existem grandes áreas verdes por aqui que dariam belíssimos condomínios, com vasta área de lazer, grandes escritórios e um heliporto para a saída e chegada de grandes executivos... isso desenvolveria rapidamente esta região”.

Vejam como o pensamento determinado por uma rotina de negócios enxerga as coisas que nenhum morador local pensaria em ter, pois onde viveriam seus animais como cavalos e bois, onde poderiam cultivar suas plantações de milho, batatas, árvores frutíferas, entre outras coisas maravilhosas da natureza. Viver sem ver o céu estrelado, sem perceber de onde surgem as verduras e legu-

mes, de onde retiramos as frutas para fazer sucos e frutas batidas.

Como podemos viver? Como conseguimos ver essas coisas somente nas prateleiras dos supermercados? O homem da grande metrópole (HGM) chega ao ponto de comprar frutas já cortadas em bandejas nas prateleiras e nunca sequer viu um leite sendo retirado diretamente da mimosa, mais conhecida como vaca. (risos!).

Como forma de integração entre a leitura e a sua imaginação, você conseguiria pegar um papel em branco e um lápis? Ainda sabe o que é um lápis? Conseguiu pegar? Ótimo, pegue esse lápis e coloque a ponta sobre o papel para desenhar o que sua imaginação conseguir criar, sendo que essa tarefa precisa ser feita com seus olhos fechados, isso mesmo, os antigos chamavam de “desenho cego”, deixe sua imaginação fluir de como seria essa rua com casas de taipa, cachorros deitados pela via, cavalos e bois no pasto, uma belíssima horta e ao lado uma plantação de milho e árvores frutíferas.

Espaço do livro destinado ao seu desenho:



Feito isso, daremos sequência no enredo desta história que esperamos ser enriquecedora para o seu momento de vida atual.

O HGM passou rapidamente por essa rua, mas sua imaginação ainda fica por lá como um momento de interação e de culto a diferença em que vive, chegando por um breve momento a esquecer que entrara na cidade apenas para consertar seus pneus furados e seguir sua viagem.

Dirigindo seu potente carro que certamente compraria uma grande área nesta cidade, começou a ficar preocupado com o pôr do sol e de não conseguir encontrar uma borracharia ainda aberta, e seu receio é de que devido ao local não ter muitos carros, observando somente charretes, algumas motos e várias bicicletas, talvez não encontrasse alguém para resolver o seu problema. O fato é que seguiu em frente assim mesmo, pois como um homem de negócios, não desistiria de concluir a sua missão.

Dirigindo mais alguns metros ele se deparou com um posto de gasolina rústico, com uma bomba de gasolina apenas, um senhor com um bigode longo que chegava a fazer uma volta no rosto, com um caminhar lento e uma enorme simpatia por perceber que estava recebendo um cliente forasteiro.

O HGM ao parar o seu carro, recebeu um belíssimo e sonoro:

– Boa noooooooooooooooooite meu amigo, me chamam de Bigode, em que posso ajudá-lo?

Após se apresentar, seu Bigode logo deu uma tossida bem forte seguida de um pigarro que o fez cuspir no chão.

Em resposta ao “boa noite”, HGM comentou:

— Boa noite senhor, por gentileza onde encontro uma borracharia, pois estou com dois pneus furados e preciso consertá-los para retomar minha viagem?

Vendo a necessidade do forasteiro e sabendo da dificuldade que vinha pela frente, saberia que teria que indicar uma hospedagem na cidade, pois o único borracheiro da região tinha acabado de ir para a cidade vizinha para que sua esposa tivesse um filho. Naquela cidade não tinha maternidade e as parteiras mais idosas já não estavam dando conta do nascimento das crianças. Sendo assim, o seu Bigode logo respondeu:

— tenho duas notícias para lhe dar, uma boa e uma ruim, e como não sou homem de enrolar as pessoas, vou logo dizendo tudo ao mesmo tempo. O moço precisará se hospedar na cidade para seguir sua viagem amanhã com segurança, e o conserto do seu carro somente poderá ser feito depois do almoço. Digo isso pelo que conheço de Pedrito Borracheiro, pois certamente ficará com a esposa e seu décimo quarto filho no período da manhã, voltando a trabalhar no período da tarde. Sabe moço, aqui na cidade temos muitas charretes e motos que estão sempre precisando de reparos.

Ouvindo isso HGM espantando logo disse:

— Quatorze filhos?

Seu Bigode logo respondeu:

— Até agora já foram 23 gestações, porém só estão vivos os quatorze filhos, e deve chegar mais nos próximos anos, pois o Pedrito e sua esposa Lelinha gostam de família grande.

HMG de imediato pensou: “como esta cidade não tem uma borracharia 24 horas, e ainda por cima terei que

ficar hospedado neste lugar que não tem nada para fazer”. HGM olhou para o seu telefone celular e não tinha nenhum sinal de internet também. Só lhe restando acatar os conselhos do “Seu Bigode” do Posto.

HGM disse:

– Então Seu Bigode, me informe onde fica o hotel que irei diretamente para lá.

Seu Bigode de pronto informou:

– É bem simples, basta seguir em frente, passar pela fazendinha do Philomeno, virar na rua da Merceria do Toinho e procurar a hospedagem da Zezé, que tem uma boneca no topo do telhado. Moço, é a única da cidade e com o melhor café da manhã da região. E olha que quem diz é o povo daqui, que sempre passa por lá encantado com o cheiro do café fresquinho, dos saborosos bolos e do queijo feito com leite de cabra, que é deixado todo dia na porta da hospedagem bem cedinho pelo “compadre” Figueiredo. O “compadre” tem a melhor criação de cabras da região.

Naquele momento, HGM queria logo um lugar para descansar e já estava com uma certa fome, não se permitindo guardar o nome de ninguém. A certeza agora era de querer comer, pois aquela conversa toda gerou uma ansiedade e chegou até a salivar por querer desfrutar de uma bela refeição, tudo conforme o indicativo do Seu Bigode. HGM nem tinha se dado conta que nunca tinha bebido leite de cabra.

HGM agradeceu ao Seu Bigode:

– Muito obrigado pela ajuda e já vou direto para a hospedagem, pois preciso tentar ver meus emails ainda

hoje, comer alguma coisa e me preparar para o delicioso café da manhã, consertar meu pneu e seguir viagem.

Seu Bigode respondeu:

— Boa noite e nos encontraremos antes de você seguir viagem.

HGM achou estranho as palavras, mas balançou a cabeça com um sinal de positivo, entrou no carro e seguiu para hospedagem. Em menos de 10 minutos já avistou a boneca no topo do telhado, o nome “Hospedagem da Zezé” e uma senhora baixinha, com cabelos loiros e uma barriga de quem aprecia a boa culinária, e para ser mais específico, um senhora alegre, baixinha, gordinha e com um sorriso enorme no rosto. Quando HMG estacionou o carro na porta da hospedagem, já foi recebido por Dona Zezé que logo emplacou a seguinte frase:

— Seja bem-vindo a minha humilde hospedagem, seu quarto já está reservado e preparei uma boa canja de galinha, aipim, cuscuz e ovos mexidos para que o amigo durma bem e aproveite a passagem pela nossa cidade.

HGM ficou alegre e ao mesmo tempo curioso pelas palavras “seu quarto já está reservado”, mas desceu do carro, pegou sua bagagem (mala de rodinha que não funcionava numa rua de pedras), olhou rapidamente para frente da hospedagem percebendo que existia uma grande praça e uma linda igreja antiga, toda iluminada e muito bem cuidada. Entrou na hospedagem e perguntou a Dona Zezé:

— Quanto fica uma diária? Que horas servem o café da manhã? E até que horas encerra o serviço?

Dona Zezé lhe respondeu:

— Meu filho, tenha calma, vá para o seu quarto, tome um banho e volte aqui que te levo até a cozinha para você se alimentar. Sobre o horário do café da manhã, fique tranquilo que quando você sair do quarto estará tudo pronto para você tomar seu café, e espero que goste. Sobre o horário de saída, não se preocupe, saia o horário e o dia que quiser, e para finalizar a sua pergunta, o preço acertamos depois.

HGM ao ouvir aquilo tudo não acreditou como poderia não ter horário para sair, horário para tomar café e ainda não saber quanto pagaria, e mais uma vez ficou assustado com a frase “saia o horário e o dia que quiser”, pois ele tinha a certeza que sairia logo após o meio-dia.

Mesmo assim, seguiu para o quarto, tomou o banho e voltou para comer, ao ver aquela canja de galinha e seus acompanhamentos, devorou como se tivesse saído das cavernas e ainda repetiu.

Agradeceu a Dona Zezé:

— Que comida maravilhosa, em nenhum dos jantares nos melhores restaurantes em que estive consegui comer tão bem assim, e ainda repeti. Muito obrigado e agora vou para o meu quarto descansar um pouco. Saiba que a senhora é muito gentil.

Dona Zezé respondeu:

— O amigo precisa conhecer algumas pessoas daqui e verá como a gentileza vive em nossa cidade, pois somos todos muito ricos por aqui.

HGM sorriu e mais uma vez não entendeu a parte que Dona Zezé falou “somos todos ricos por aqui” e sua associação com a gentileza da cidade e algumas frases ditas até agora por Seu Bigode e Dona Zezé que o deixaram

intrigados, mas mesmo assim voltou para o quarto, colocou uma roupa confortável, apagou a luz e dormiu.



## *A vida como deve ser vivida*

O relógio de parede já marcava 5h10min, e os galos da região já estavam disputando a cantoria para acordar a pacata cidade. HGM começou a se mexer na cama, se espreguiçando e se esticando todo, depois de ter dormido um sono profundo, com sonhos intermináveis que envolviam seus recentes momentos na chegada à cidade com seus negócios pessoais, era um misto de riqueza natural com ganância consumista, como uma sensação de ansiedade para resolver suas coisas, com a leveza de estar num ambiente que respirava paz.

Ali o tempo parecia não correr depressa, conseguindo ouvir barulhos de cabras, charretes, galos e uma família de porcos que andava na frente da hospedagem. Com esses barulhos, quase que somente vistos e escutados na televisão, resolveu abrir a janela e se deparou com um lindo sol que surgia e brilhantava aquele cenário maravilhoso da praça principal com a igreja da cidade.

Na frente da igreja já se encontravam alguns moradores ajudando a varrer a praça, recolhendo folhas e jogando milhos às galinhas que passeavam pela rua de pedras. Era uma cena de paraíso dos animais, pois todos circulavam pela praça, alguns sendo alimentados e chamados por nomes próprios como o porquinho Juvenal e

sua amada Arabela, que desfilava com seus lindos filhotes porquinhos a comer alface e tomates numa tigela própria para eles.

As charretes já passavam pela cidade e numa belíssima com rodas grandes e banco forrado com cores vermelhas e brancas estava o “compadre” Figueiredo, que já estava a terminar suas entregas de queijos e leites de cabra.

HGM logo imaginou que seria o leite de cabra conforme falado pelo Seu Bigode, e chegou até a salivar, pois lembrara que o melhor café da manhã estaria a sua espera. E não é que começou a sentir o cheiro de café, bolos e pães que acabaram de ficar prontos? Pois esse cheirinho era realmente inconfundível. Seus pensamentos logo foram remetidos aos momentos em que estamos com nossos familiares ou pessoas que amamos, reunidos numa mesa, conversando de forma sadia e harmonizando este presente oferecido por Deus. O café da manhã em família é realmente um presente divino para que se reúnam e evidenciem seus exemplos de convívio, do saber escutar o outro, de compartilhar o alimento, de amar o próximo e de começar o dia com uma grande energia positiva para os entes queridos.

HGM rapidamente tomou um banho, escovou os dentes e saiu do quarto com a mesma roupa que dormiu, pois aquele cheirinho já despertara a sua fome matinal e dirigiu-se até a salinha de entrada da hospedagem, local que já estava Dona Zezé com aquele sorriso largo e com a mesma disposição da noite anterior, chegando até o HGM a pensar que ela nem tivesse dormido.

Dona Zezé iniciou o diálogo:

— Bom dia, dormiu bem?



HGM respondeu:

— Dona Zezé eu dormi um sonho dos anjos, mesmo tendo alguns sonhos estranhos, acordei como se tivesse entrado numa banheira de água quente que fez com que zerasse os pesadelos e me tornasse uma pessoa melhor, a senhora acredita?

Dona Zezé respondeu:

— Ô meu filho, eu já sabia que isso ia acontecer, pois você dormiu no quarto dos mistérios purificados, mas vamos deixar esse assunto para depois. Me diga, você quer tomar café agora?

HGM novamente teve um momento de estranheza com as palavras de Dona Zezé, mas sentiu que o ambiente estava leve, num clima harmonioso e de paz. E se tivesse realmente algum mistério, que seria do bem e ponto final.

*Você deve estar pensando como uma pessoa agitada estaria modificando os seus pensamentos, apenas no segundo dia naquela cidade. Será que algum lugar pode realmente mudar a forma de encarar a vida? Poderia um homem de negócios, acostumado a grandes reuniões de trabalho e muita cobrança, estar começando a modificar seus pensamentos?*

*Enfim, vamos ao café da manhã!*

Dona Zezé levou HGM para um ambiente no fundo da hospedagem que seria o local das refeições. Ao chegar, HGM não acreditou no que acabara de ver. Em primeiro plano, um forno e fogão a lenha com grandes panelas de barro, na parede alguns lampiões a vela, alguns chapéus de palha pendurados, várias colheres de pau, máquina de moer café, uma mesa de madeira do século passado feita

pelos avós de Dona Zezé repleta de comida, tais como: bolo de milho, bolo de fubá, bolo de aipim, bolo de laranja, tapioca, curau de milho, pamonha, inhame, aipim cozido, canjica, queijos da fazenda do “compadre” Figueiredo, ovos mexidos, roupa velha (ovo com carne moída), cuscuz com carne seca, linguiça fina, batata doce, mamão, banana, doce de abóbora, doce de banana, cartola (banana da terra com queijo derretido), suco de laranja, suco de graviola, suco de acerola, suco de umbu, suco de siriguela, suco de cupuaçu e certamente mais coisas que o olhar do ser humano não saberia identificar.

HGM vendo aquilo tudo não acreditou que naquele horário já estivesse tudo pronto conforme Dona Zezé havia mencionado na noite anterior. Então, começou a procurar por ajudantes da hospedagem que tivessem feito tudo aquilo, e que obviamente não tinha visto mais ninguém. HGM pensou... Seria mais um mistério da cidade? Seria Dona Zezé uma fada da culinária do interior? Como Dona Zezé teria feito tudo aquilo bem fresquinho logo cedo? Com tantas perguntas sem resposta e com uma vontade de comer tudo que estava a sua frente, partiu para cima da comida como se fosse um lobo atrás de sua presa, e comeu, bebeu, comeu novamente, repetiu, provou, misturou, perguntou o que era, mas comia assim mesmo sem ouvir a resposta, e comia mais e depois de passado uma hora tomando aquele riquíssimo banquete dos reis, olhou para a Dona Zezé e disse:

— Esse foi o melhor café que tomei em toda a minha vida, e gostaria de ter essas maravilhas todos os dias pela manhã daqui para frente.

Ouvindo isso, Dona Zezé sempre direta e sábia respondeu:

— As palavras têm poder meu filho.

Assim HGM escutou, agradeceu e voltou para o quarto para descansar o café, pois certamente foi uma batalha dos deuses desbravar tanta maravilha à mesa.

HGM pediu a Dona Zezé:

— Por favor, vou deitar mais um pouco, a senhora poderia me chamar daqui a duas horas?

Dona Zezé respondeu:

— Fique tranquilo, vá descansar e logo você acordará sem que eu precise lhe chamar.

HGM pensou mais uma vez que realmente estava numa cidade mística, cheia de surpresas boas, e que todas essas frases misteriosas sempre seriam direcionadas para os caminhos do bem. Assim, foi direto para o quarto, abriu a porta de madeira, encostou a janela e continuou se deliciando com o barulho dos pássaros cantarolando nas árvores da praça.

Ao deitar, HGM começou a ter sonhos mirabolantes e que o levavam direto para a sua infância, correndo com amigos pela rua, jogando futebol descalço, inclusive chutando o chão e ficando sem o “tampão” do dedo, que logicamente já ficava bom rápido como a velocidade do sonho. No mesmo sonho se viu na época da escola infantil que tinha um grande castelo na entrada, da merenda que levava na lancheira feita por sua mãe, como de costume um pão com ovo e suco de caju, e das medalhas de honra ao mérito que recebia nos finais de ano por ter sido um aluno com as melhores notas. Sonhos que se recordam as

maravilhas e alegrias do passado, onde a correria do dia a dia apaga através dos tempos.

O sonho tomou rumos na cabeça de HGM que iam da infância à fase adulta e voltavam rapidamente à adolescência, que remetia aos tempos de escola, faculdade, emprego, festas, família e entrou numa nave que sobrevoou toda a cidade em que estava hospedado e percebeu luzes fortes que apontavam para casas e pessoas do local, até que a luz aumentou em direção a uma fazenda, ficando mais forte, mais forte e quando estava prestes a ver o que teria nessa fazenda, ele escutou um grito de alguém chamando a Dona Zezé:

— Dona Zezé, tem café aí, é o “compadre”, posso entrar?

E logo HGM pensou que poderia ser o “compadre” Figueiredo, e meio que atordoado pelo sonho e por ter acordado no susto, se levantou, jogou uma água no rosto e foi conhecer mais uma pessoa da cidade. Chegando na entrada da hospedagem, encontrou um senhor de cabelos brancos e bigode fininho feito na navalha que logo lhe cumprimentou:

— Bom dia Siô? Me chamo Figueiredo, sabe Siô, eu gosto de me comunicar com as pessoas logo após a entrega dos meus queijos e leites para saber se ficou tudo do jeitinho de sempre. Além de querer saber também se algum hóspede daqui gostou ou não dos meus produtos. O amigo comeu o queijo e tomou o leite das minhas cabras?

HGM respondeu:

— Bom dia senhor Figueiredo, provei todos os seus produtos e afirmo que são de ótima qualidade, além de muito saborosos. O Senhor está de parabéns.

“compadre” Figueiredo respondeu:

— Estou de parabéns? Ué, quem fez o leite foram minhas cabras e não eu.

E começaram a sorrir como se já fossem grandes amigos. “Compadre” Figueiredo após abrir esse sorriso e aproveitar toda a sua comunicação, fez um convite:

— O moço está convidado a conhecer minha criação de cabras e não aceito desfeita.

HGM meio constrangido informou:

— Seu Figueiredo, terei um imenso prazer em conhecer a sua criação de cabras, mas preciso consertar meus pneus do carro e voltar para a estrada.

“compadre” Figueiredo respondeu:

— Ô Siô, mas é claro que terá tempo de conhecer minhas cabras, aqui conseguimos fazer tudo que realmente queremos, pois o tempo é nosso amigo, e pelo que estou vendo no rosto do Siô, está muito feliz de estar aqui na cidade e certamente ficará mais tempo com o nosso povo.

HGM já estava ficando intrigado com essas frases que terminavam as conversas com o povo desta cidade, pois sempre tinham um ar misterioso.

Depois dessa prosa, surgiu Dona Zezé como se estivesse atrás de HGM ouvindo toda aquela conversa entre os dois e que ficou ali quietinha esperando eles se apresentarem.

Dona Zezé iniciou a conversa:

— Olá “compadre”, como sempre vem me visitar e tomar aquele cafezinho, seja bem-vindo mais uma vez e pelo visto já conheceu o moço da cidade que está hospedado aqui. Com certeza você já deve ter convidado para conhecer suas terras e cabras. (risos).

“compadre” Figueiredo respondeu:

— Dona Zezé, bom dia, como deixar de tomar esse seu maravilhoso café? Lembra quando eu provei a primeira vez e lhe disse que gostaria de ter um café assim todos os dias dali para frente? Então, minhas palavras tiveram uma força danada, por isso sempre passo aqui para me deliciar, além de acompanhar se está satisfeita com meus produtos.

HGM mais uma vez ficou espantado com o que acabara de ouvir, pois parecia a reprodução de sua fala um momento após o café da manhã. Depois de devidamente apresentados, HGM acenou como a mão para o “compadre” Figueiredo e para Dona Zezé e voltou ao quarto para se arrumar e encontrar o Pedrito Borracheiro.

O relógio marcava 11h50min, e HGM falou:

— Dona Zezé, volto logo para buscar minha coisas, vou procurar o borracheiro, pois o outro pneu acaba de arriar de vez e como irei a pé não sei em quanto tempo estarei de volta, mas fique certa que eu volto.

Dona Zezé respondeu:

— Eu sei que você volta, não tenha pressa e aproveite a caminhada para pensar em sua vida. Vai com Deus!

Agora HGM começou a suar frio e a pensar nas palavras de Dona Zezé, pois o que ela queria dizer com a frase: “pensar em sua vida”? Mesmo assim seguiu caminhando, e aproveitando um dia lindo de sol, com a praça central toda limpinha, as pessoas andando devagar pela rua, mas todos fazendo alguma coisa na cidade, parecendo um formigueiro e suas peças chaves a produzirem em prol da comunidade.

HGM percebeu também a beleza da igreja antiga e bem cuidada, com suas grandes portas e janelas de madeira bem construídas, e logo a sua frente o “cruzeiro central”, uma enorme cruz também de madeira cercada por lâmpadas improvisadas e enfileiradas por um fio preto, como sendo um ponto de referência dos moradores. HGM viu a praça em toda a sua extensão, onde as casas coladas umas nas outras e quase que com as mesmas construções davam uma tonalidade de “casas de vila”, aquelas que parecem ser pequenas, mas assim como conhecera a hospedagem de Dona Zezé que tinha as mesmas características, logo se lembrou do enorme quintal onde tomou o inesquecível café da manhã. HGM seguiu andando e avistou uma casa com uma senhora idosa sentada na porta com sua cadeira de balanço e viu que ela contava histórias para algumas crianças e jovens. Ele resolveu se aproximar mesmo sem conhecer as pessoas, tentando passar somente por perto para ouvir o assunto e disfarçando como se estivesse de passagem.

O fato é que todos se conheciam na cidade e HGM um total desconhecido, ainda mais na região da praça da igreja, seria notado por todos que ali estavam, pois além da fisionomia diferente, ainda tinha seu carro parado na porta da hospedagem. Essa senhora idosa era a Professora Matilde, como era conhecida na região, que era discípula da Professora Áurea, a primeira professora a chegar na cidade e que alfabetizou praticamente todos os moradores mais antigos, inclusive ensinou a didática das aulas a Matilde, como era conhecida.

Ao se aproximar da Professora Matilde, o HGM escutou um trecho em que ela mencionava como a Professora

Áurea ensinava seus avós a ler e a buscar viver em harmonia, sempre se ajudando e não deixando que ninguém passasse necessidade na região. Assim, HGM começou a entender aquelas pessoas se ajudando pela rua, todos produzindo pelo bem estar social. Professora Matilde, chamou o forasteiro para se aproximar:

— Como vai meu filho, meu nome é Matilde, mas sou conhecida como Professora Matilde, está passeando pela cidade ou veio para ficar de vez em nosso convívio? Chegue mais perto para que as crianças se apresentem.

HGM meio sem graça, respondeu:

— Boa tarde, desculpe a minha aproximação, mas é que de longe avistei tantas crianças sorrindo ao seu lado e logo percebi que estaria conversando sobre assuntos alegres e essa energia me aproximou, mas me desculpem se invadi a privacidade de vocês.

Professora Matilde respondeu:

— Meu jovem, aqui não temos esse negócio de invadir a privacidade, temos é respeito pela pessoas e sabemos identificar pessoas de bem a léguas de distância, e além do mais, saberíamos que a qualquer momento essa aproximação aconteceria.

Pronto, agora HGM sairia correndo dali com mais essa frase que acabara de escutar, e logo pensou: “como essa senhora saberia que íamos nos encontrar?», mas sorriu para todos sentados na calçada, agradeceu o convite de se aproximar, sentou no único banquinho de madeira que estava sobrando, e também logo pensou: “será que esse banquinho estava reservado para mim?”, enfim, deixou isso de lado, se sentou e foi logo perguntando o nome das crianças.



HGM puxou conversa:

— Muito obrigado pelo convite Professora Matilde e demais crianças, vocês são muito gentis em convidar um desconhecido para sentar aqui e ouvir suas histórias.

Professora Matilde respondeu:

— Deixe disso rapaz, agora que se sentou você vai ouvir um pouco da história de quem foi minha professora, e como ela me ajudou a trabalhar com a educação dos moradores daqui.

HGM pensou: “eita, agora que não conseguirei consertar meus pneus do carro, pois até esse assunto terminar já ficará de noite”.

Professora Matilde começou o assunto dizendo que antes de iniciar essa prosa, todos estavam convidados para almoçar em sua casa, pois hoje logo cedo ela tinha preparado um prato especial.

Professora Matilde informou:

— Estão todos convidados para comer omelete com fava e farofa d’água! Comeremos conforme meus pais comiam, onde ninguém usava garfo, faca ou colher, bastava comer com a mão, fazendo bolinhos, amassando o alimento em seus pratos e prontamente levando a boca. Uma maravilha da nossa região. Quem aceita?

HGM logo estranhou, mas já estava se acostumando com as surpresas da cidade.

E logo a Professora Matilde começou a prosa, dizendo que em 1916 a Professora Áurea, recém-diplomada, numa época em que poucas mulheres trabalhavam, começou a sua peregrinação pela educação e recebeu uma missão de trabalhar naquela cidade, ainda com poucos habitantes. Ela sabia da importância e responsabilidade para o de-

envolvimento local, pois já teriam chegado na cidade um médico, um farmacêutico, um cientista da construção e agora a professora.

Ao chegar na região, a Professora Áurea conheceu o cientista Vlademir que acabara de chegar de viagens ao exterior, mais precisamente da França, pois tinha sido enviado pelo governo para aprender sobre construção de casas e já havia um galpão pronto que seria o local de estudo dos moradores. Local que hoje em dia todos conhecem como escola. A Professora Matilde relatou que a Professora Áurea ia de casa em casa, conversava primeiro com os mais velhos da residência para explicar que estava na cidade para ensinar as pessoas a ler e escrever, além de informações sobre matemática, filosofia, latim e que juntamente com o Cientista Vlademir, que além dos projetos das casas, também lecionaria Ciências, Artes, História e Geografia.

O povo da região no início não sabia o motivo daquilo tudo, diziam que não era necessário, mas aos poucos foram enviando seus filhos mais jovens para o galpão escolar. E como as crianças absorvem rápido, logo chegavam em casa contando tudo que tinham aprendido, e cada dia mais espertos, mais inteligentes, com mais conhecimento, chegando a motivar os mais velhos, o que depois contagiou a chegada dos adolescentes, dos adultos e dos idosos a quererem conhecer o galpão escolar, pois como poderia uma criança chegar em casa tão faladeira, contando tudo que tinha escutado da Professora Áurea e do Cientista Vlademir.

Devido à movimentação das pessoas no galpão escolar, e pelo interesse dos moradores, a Professora Áurea

resolveu morar no próprio galpão escolar, onde o Cientista Vlademir, rapidamente adaptou um cômodo dentro do galpão para que a professora levasse sua cama, seu pequeno armário e sua escrivaninha com seus livros, o que a deixou muito feliz por poder viver dentro do local, que seria visto como a missão de sua vida, como a de alfabetizar as pessoas. Com o passar do tempo, as pessoas mesmo com vida simples, entenderam o poder de trabalhar em grupo, sempre com gentileza, sempre se prontificando a ajudar os vizinhos e fazendo com isso que a cidade criasse uma cultura de equilíbrio, produzindo o necessário para todos, sem desperdício e sem que ninguém passasse necessidade na região, pois era um local farto em água, plantações e gados.

Prestes e se aposentar, Professora Áurea enviou uma carta ao governo do estado para informar a necessidade de uma nova professora, e que estaria disposta a ensinar tudo que fosse necessário para manter o padrão de educação da região, pois nesse momento o Cientista Vlademir também não teria mais condições de lecionar, e que também havia informado o seu interesse por se dedicar a seus livros, arte e pintura apenas como prazer pessoal.

Professora Matilde, apontou para um local onde teria sido o Galpão Escolar e a residência da Professora Áurea, mas que devido ao tempo, foi transformado em uma nova construção, sendo hoje uma área que abrange uma outra praça, uma nova escola, uma biblioteca e uma quadra de esportes, e o galpão passou a se chamar Colégio Professora Áurea.

Naquele momento todos estavam emocionados, pois aprenderam a importância de ouvir os mais experientes

e foram ensinados a respeitar os idosos como pessoas sábias.

Professora Matilde logo encheu seus olhos de lágrimas e disse:

— Ali tive o privilégio de trabalhar nesses últimos 40 anos, graças aos ensinamentos da Professora Áurea, e a todos que me receberam nesta maravilhosa cidade.

E ao terminar de contar essa história, as crianças começaram a bater palmas, e a gritar o nome dela... Professora Matilde, Professora Matilde, Professora Matilde! E HGM já envolvido e emocionado com tudo aquilo também fazia o mesmo e gritava junto.

Após essa festa toda na porta da Professora Matilde, ela sorriu e logo gritou:

— Vamos entrar para almoçar minha gente!

E assim HGM entrou na casa de Professora Matilde, e já percebeu que o local da refeição também seria lá nos fundos, onde encontrara uma mesa enorme, umas vinte cadeiras com seus pratos devidamente arrumados lado a lado, onde se sentavam primeiro os mais velhos, depois os visitantes, os adultos e por último as crianças.

E logo a filha da Professora Matilde começou a trazer quatro grandes panelas de barro contendo: omelete, outra com fava, outra com arroz, outra com farofa d'água, e já dizendo:

— A sobremesa será surpresa!

E a criançada começou a gritar de alegria.

HGM notou que as crianças faziam uma fila para lavar as mãos sem que nenhum adulto precisasse mandar, e todos se respeitavam, assim se dirigiam às cadeiras, mas não se sentavam enquanto os mais velhos e os visitantes

não lavassem as mãos e se sentassem primeiro. Depois de todos terem feito a higiene, começaram a se sentar, sem arrastarem as cadeiras, sem barulho, apenas sentaram e começaram a se servir.

HGM meio constrangido e já imaginando como seria comer com as mãos ficou só observando a prática das pessoas para produzirem seus bolinhos e levando a boca, sem sujeiras ou falta de higiene, todos realmente aproveitando aquele momento de união à mesa e de saborear o excelente prato elaborado pela filha da Professora Matilde.

Àquela altura, HGM nem estava mais pensando nos pneus furados, pois como não se deliciar com tanta fartura e tanta paz naquele ambiente, além da maravilhosa culinária local.

O fato é que HGM começou a fazer os bolinhos que vazavam pelos seus dedos, sujando a roupa, sujando a mesa, deixando cair comida no colo, mas em nenhum momento alguém debochou de suas falhas, pois sabiam que era normal isso acontecer com quem não tinha prática.

Era tanta comida nas grandes panelas de barro que as crianças comiam, os adultos repetiam, os idosos saboreavam sem exageros e parecia não ter fim. Até que de repente alguém chamou na porta da casa:

— Professora Matilde, esse cheiro está muito bom, posso entrar para almoçar com vocês, é o “compadre”?

HGM na hora reconheceu aquela voz e que deveria ser a do “compadre” Figueiredo, pois aquela comunicação certamente só poderia vir da parte dele.

Professora Matilde logo respondeu:

— Pode entrar “compadre” seu lugar já está reservado ao lado do moço da cidade.

HGM percebeu então que realmente tinha um local vago a seu lado e que ninguém nem pensou em sentar.

“Compadre” Figueiredo logo abriu um sorriso e disse:

— Boa tarde Professora Matilde e a todos que aqui estão, cheguei para almoçar com vocês, mas hoje comerei só um pouquinho, pois não estou com tanta fome.

A criançada toda riu, pois sabiam que o “compadre” sempre falava isso quando chegava, e era quase o último a sair da mesa.

“Compadre” Figueiredo olhou para o moço da cidade e disse:

— Olá meu amigo, nos encontramos novamente e é sempre muito bom estar perto de pessoas com energia boa como a sua.

HGM com as mãos cheias de bolinhos e ainda tentando comer o que tinha feito, sorriu para o “compadre” e disse:

— Muito obrigado mais uma vez pela gentileza e é uma honra poder estar ao seu lado novamente.

“compadre” Figueiredo respondeu:

— Pelo visto o moço agora terá bastante tempo para visitar minhas cabras, pois já está se familiarizando com nosso povo, e é sempre assim, se ficou um dia aqui, não terá pressa de partir.

E todos sorriram à mesa com tanta alegria no local.

Passado mais de uma hora e meia, todos terminaram o almoço e começaram a chegar as sobremesas, especialidades da filha da Professora Matilde. Primeiro chegou o

quindim, depois a canjica, depois o manjar, e por último os doces de frutas em compotas de vidro.

Nesse momento foi uma festa, todos começaram a bater palmas como se tivessem recebido um grande presente, e novamente se deliciaram com tanta riqueza e fartura de alimentos.

Pelo visto HGM não conseguiria deixar aquela casa tão rapidamente, pois após o banquete, a filha da Professora Matilde começou a trazer as redes e pendurá-las nas árvores do imenso quintal, onde batia aquela sombrinha e uma brisa boa, além do cheirinho de mato, com os pássaros voando e cantando. Um convite ao descanso e logo todos os adultos foram para rede, menos o “compadre” Figueiredo, pois ele tinha que voltar para cuidar de suas cabras e produzir mais coisas para o outro dia.

As horas foram passando, passando, passando e quando HGM percebeu, já estava escurecendo e sua tentativa de conserto dos pneus teria que ficar para o outro dia.

HGM acordou depois de um total momento de relaxamento na rede e do dia maravilhoso que tinha passado com aquelas pessoas, e pensou: “Meu DEUS como isso é tão rico e ao mesmo tempo tão simples de ser feito, onde estava isso que eu não via?”.

Professora Matilde já tinha dormido o suficiente, as crianças já tinham voltado para suas casas e ela já estava com seus livros que tanto amava, lendo e trabalhando a sua mente para que continuasse ativa.

HGM, antes de ir embora da casa da Professora Matilde, se despediu dizendo:

– Muito obrigado por essa experiência maravilhosa que tive hoje, pois a senhora me recebeu em sua casa

sem me conhecer, me deu comida, me deu abrigo e não se preocupou em saber se eu era uma pessoa honesta para entrar em sua casa.

Professora Matilde sorriu e disse:

— Meu filho, existem mistérios na vida que não sabemos os motivos de acontecerem, apenas acontecem e quando DEUS quer agir ninguém consegue impedir que seus filhos caminhem em busca da luz. Volte sempre que quiser, pois minha casa está de portas abertas para você.

Depois de ouvir isso, HGM deixou cair uma lágrima forte no seu olho direito, agradeceu a DEUS por esse momento mágico, deu um beijo na mão da Professora Matilde, sorriu e voltou para a Hospedagem da Dona Zezé.

*Vejamos como são os mistérios da vida, HGM sai de casa com uma rota traçada, é surpreendido com dois pneus furados, entra numa cidade desconhecida, mas aparentemente todos o reconhecem como se fosse um antigo morador da região. E mais coisas acontecerão certamente nesta história.*

Ao chegar na hospedagem, Dona Zezé já estava à espera de HGM, e logo iniciou um diálogo:

— Olá meu filho, você está com uma aparência ótima! Parece que teve uma grande experiência em sua vida, mas pelo visto não conseguiu consertar o seu carro. Fique tranquilo, que no momento certo tudo será resolvido, agora tome um banho que já lhe preparei uma torta salgada, e o suco, basta você escolher a fruta que eu preparo na hora para você.

HGM olhou para Dona Zezé e por alguns momentos sentiu falta de sua mãe, pois com todo esse cuidado com



ele e com suas palavras assertivas parecia realmente sua mãe falando, e logo respondeu:

– Obrigado Dona Zezé, vou tomar um banho rapidamente e volto logo para comer essa maravilha que preparou e para conversarmos mais um pouco.

Depois disso correu para o quarto, abriu o chuveiro e deixou a água cair sobre sua cabeça que não parava de pensar em tudo que tinha vivido em apenas dois dias na cidade, e como essas experiências estavam sendo enriquecedoras.

Com isso, certamente suas grandes certezas da vida até o momento já estavam sendo questionadas internamente, pois o futuro que sempre pensou, estava sendo modificado em segundos e o que antes era uma mente fechada, agora estava livre para fazer novas escolhas em sua vida.

Depois de passado uma hora entre o banho e colocar uma roupa, voltou para encontrar Dona Zezé que cochilava sentada numa cadeira à espera de HGM.

E novamente começou o diálogo entre eles:

– Dona Zezé, Dona Zezé, me desculpe a demora que até a fez cochilar e não precisa se preocupar em fazer suco, posso comer somente a torta salgada com um copo de água mesmo.

Dona Zezé respondeu:

– Ô meu filho, para adiantar fiz quatro sabores de suco para você escolher, e a torta está quentinha lhe esperando.

Assim, os dois foram para os fundos da hospedagem que já estava com seus lampiões acessos, criando aquele clima de cidade do interior e na mesa devidamente for-

rada, encontrava-se um tabuleiro com a torta salgada e as quatro jarras de suco, além de um bolo de laranja que estava cheirando ainda no forno.

HGM era pura emoção, com todo aquele clima e com a percepção de realmente ter feito tanta coisa maravilhosa, num único dia, que o fez progredir como homem. Sentou-se à mesa, comeu a torta salgada, provou os quatro tipos de suco, conversou com Dona Zezé sobre vários assuntos da sua vida. Logo o bolinho de laranja ficou pronto juntamente com um cafezinho e assim ele encerrou o seu dia.



HGM agradeceu a Dona Zezé:

— Dona Zezé, estou sem palavras para lhe agradecer a forma como está me tratando, pois em nenhum momento estou me sentindo numa hospedagem e sim numa casa, numa família.

Dona Zezé respondeu:

— A vida é feita de bons momentos, pois daqui não levamos nada e enquanto eu estiver lúcida, mantereirei o prazer do meu dia compartilhando experiências de luz com pessoas boas como você. Agora vá descansar que amanhã você terá novas oportunidades em sua vida.

E assim, HGM que já não se assustara mais com o final dos diálogos entre os moradores desta cidade, apenas agradecia e esperava a próxima surpresa que viria, sempre com a esperança de coisas boas, voltou para o quarto, colocou uma roupa confortável e dormiu.



## *A Fazenda do Velho Philomeno e as Cabras do compadre Figueiredo*

O sol batia forte na janela do quarto e por uma frestinha ia direto no rosto de HGM, que sentia um forte calor que o fez acordar. Como de costume, se espreguiçou na cama mesmo, alongou um pouco o corpo e se levantou. E como o sol já estava entrando, resolveu abrir logo toda a janela. Nesse momento ele levou um tremendo susto com o grito de alguém.

— Booom dia Siô, estava lhe esperando acordar para tomarmos um café e te levar para conhecer minhas cabras, assim disse “compadre” Figueiredo.

HGM respondeu:

— Bom dia Seu Figueiredo, tudo bem, o senhor dormiu embaixo da janela?

As gargalhadas foram altas, pois ambos ficaram surpresos com tal acontecimento.

“Compadre” Figueiredo respondeu:

— Ô meu filho, o Siô é tonto, eu tenho casa e minhas cabras para cuidar, como poderia dormir aqui e deixar meus afazeres de lado. Bote logo uma roupa que estou te esperando para tomar café. Ô Dona Zezé, to chegando para o café e já vou entrando.

Dona Zezé lá de dentro também gritou:

— Pode entrar “compadre” a casa é sua e o café já está prontinho esperando você e o moço da cidade.

HGM correu para o banheiro, tomou um banho rápido e foi logo para a mesa de café, e agora mais íntimo dos dois, logo disse:

— Seu Figueiredo eu tenho que consertar meu carro, não posso ver suas cabras agora.

“compadre” Figueiredo respondeu:

— Tome logo esse café e deixe de agonia, será rapidinho e você vai gostar de conhecer minhas cabras.

HGM constrangido e sem jeito concordou em ir, mas antes dedicaria uns 40 minutos no café da hospedagem, pois aquela iguaria não se via todos os dias, e logo respondeu:

— Tá certo, vamos sim, mas antes eu tenho que me entupir de tanto comer essas maravilhas.

Assim, os três (Dona Zezé, “compadre” Figueiredo e HGM) saborearam o café da manhã, sem pressa alguma.

No relógio da parede já marcava 9 horas e os dois subiram na charrete do “compadre” e foram estrada de terra adentro, passando por lindas plantações, árvores frutíferas e de longe HGM avistou uma placa de madeira numa porteira enorme que dizia: “SEJA BEM-VINDO ÀS TERRAS DE PHILOMENO”.

HGM perguntou:

— Seu Figueiredo, quem é Philomeno?

“Compadre” Figueiredo respondeu:

— Ô Siô, Philomeno é um dos fazendeiros mais antigos da cidade, além de ser um amigo e tanto, vamos lá conhecê-lo? Assim você vê a beleza que é a fazenda dele.

HGM respondeu:

— Mas seu Figueiredo, eu preciso consertar meu carro e quero conhecer suas cabras, acho que não dará tempo de ver tudo hoje, pois acabo me atrasando mais para voltar à estrada.

“Compadre” Figueiredo respondeu:

— Se atrasar para que, Siô? Aproveite a vida em todos os momentos e oportunidades que batem a sua porta. Agora deixe de besteira e vamos conhecer a fazenda.

Assim “compadre” Figueiredo tocou a charrete para dentro da fazenda e já entrou gritando e acenando para um senhor que estava sentado na grande varanda de sua casa de madeira.

“Compadre” Figueiredo começou a chamar:

— Philó, Philó, tô chegando com um amigo para lhe conhecer, e para ver suas terras.

Seu Philó respondeu de bate pronto:

— Ô «compadre” se aproxigue, seja bem-vindo novamente, pois eu já estava esperando por vocês.

Nesse momento parecia um grande encontro de amigos que não se viam há muito tempo, mas que se tratavam como se todos fossem da mesma família.

Seu Philó começou a conversa:

— Compadre, que maravilha tê-lo aqui novamente e ainda trazer um amigo.

HGM olhou para Seu Philó e parecia que os dois já se conheciam, era como se fosse um encontro de avô e neto, e se deram um grande abraço e três tapas nas costas.

Seu Philó em seguida fez o mesmo com o “compadre”, dando-lhe um abraço e três tapas fortes nas costas.

Seu Philó após esse encontro foi logo dizendo:

— Meus amigos, troquem esses sapatos por aquelas botas que nós vamos andar pela fazenda, pois tenho algumas novidades por aqui e quero mostrar para vocês.

Assim, todos calçaram uma bota de borracha que chegava perto do joelho e começaram a caminhada, passando pelas plantações de cana, depois pela horta, pelo milharal e chegando até uma nascente, que parecendo pequena, era capaz de abastecer toda a fazenda com água para o gado, para o lago de peixes, e para manter a terra sempre fértil.

Seu Philó olhou para os dois e perguntou:

— Vocês estão vendo toda essa belezura de fazenda, todas as plantações, minha grande casa, meus animais, e devem estar achando que aquilo tudo é o mais bonito daqui, mas saibam que todos os dias, bem cedinho, boto minha bota e venho aqui para ver essa nascente, pois ela é o coração da minha fazenda. Aqui eu consigo ver se a terra continuará firme e produtiva, se meus animais terão água para beber e se a mãe natureza continua minha amiga. Já pensaram se essa água acaba, como viverão os meus bichinhos, como terão alimento e pasto sadio, e como um velho como eu faço para tomar banho de 15 em 15 dias? Ouvindo isso todos caíram na gargalhada.

HGM cada vez mais se sentiu acolhido com a forma mansa e sábia de quem preserva a natureza do local em que vive, como as falas do Seu Philó.

Depois de ver essa nascente, eles seguiram caminhando até o local onde tinham cavalos, e HGM logo perguntou:

— Seu Philó, o senhor é que cuida de toda essa fazenda sozinho? Onde estão as pessoas que lhe ajudam?

Seu Philó respondeu:

— Moço, aqui todos cuidam de tudo e todos vivem em fartura. Saiba que tenho essas terras que servem para ajudar a toda cidade, aqui todos podem plantar, todos podem colher, todos usam os cavalos quando quiserem, tiram leite da vaca se precisarem, mas essa parte fica mais para os leites de cabra aí do “compadre” pois é a preferência da cidade.

HGM ainda meio confuso com tudo aquilo voltou a lhe perguntar:

— Seu Philó, então o senhor quer dizer, que se eu morasse aqui na cidade também poderia usufruir de sua fazenda?

Seu Philó respondeu:

— Mas é claro meu filho, é tudo bem simples em nosso convívio. As pessoas precisam de comida, de moradia, de família, de amigos e temos tudo isso por aqui. Não é assim onde você mora?

HGM vendo toda aquela simplicidade e funcionamento perfeito, logo se envergonhou, engoliu uma saliva seca e meio sem graça respondeu:

— Seu Philó, onde eu moro as coisas são bem confusas, e até gostaria de lhe dizer que funciona igual a sua cidade, mas estaria mentindo.

Depois dessa prosa de mundos diferentes, a caminhada continuou e Seu Philó mesmo com uma idade entre 90 a 95 anos continuava firme, disposto e fazendo questão de dizer o segredo da longevidade. Seu Philó apontou para uma árvore e disse:

— Ali, estão vendo, bem ali é a minha fonte de energia. Todo dia me levanto, tomo um café forte, calço minha

bota, vou até a nascente, vejo se todos os animais estão comendo e depois venho até aqui comer uma boa laranja lima. Isso mesmo, a laranja lima, pois desde o momento que a provei me senti forte, mais sábio, e indico para todos, que devem apresentar essa belíssima árvore para as crianças comerem essa fruta.

E logo pegaram algumas, foram cortando e comendo pelo caminho de volta à casa de Seu Philó, que agora fazia questão de que HGM conhecesse ela por dentro. Assim, proseando, rindo, curtindo o belo dia de sol foram cruzando a fazenda de Seu Philomeno. Chegando até a casa, tiraram as botas sujas de terra, e calçaram um chinelo de pano bem grande, que servia para manter limpo o chão de madeira da casa. Na sala, uma grande mesa de madeira com uma toalha vermelha e uma cesta de frutas de vários tipos. Na parede tinham fotos antigas da família do Seu Philomeno ao lado dos seus avós e seus pais, que retratava a importância de união para a prosperidade. Logo chamou a atenção de HGM que havia feito uma foto dessas também com seus pais, irmãos e sobrinhos, mas que o destino separou todos para regiões diferentes. Na sala tinha poltronas grandes, acolchoadas e confortáveis, que faziam conjunto com um sofá para três lugares, e deixava o formato harmonioso no recinto.

Seu Philó chamou todos para ver as outras dependências, onde passaram por um corredor extenso, também com quadros na parede, onde um especificamente chamou a atenção de HGM por ser uma pintura impressionista, parecida com as oriundas de Monet, que tanto gostava. HGM logo vendo o quadro, comentou com os dois:



— Seu Philó, esse quadro é muito bonito, parece uma pintura impressionista de um grande artista francês famoso.

Seu Philó respondeu:

— Moço, você tem razão, esse quadro foi um presente do Cientista Vlademir que esteve na França, visitou a casa de um pintor que tinha falecido, mas que também tinha plantações e um grande lago na casa dele, diziam até que tinha uma ponte sobre o lago, você acredita, uma ponte em um lago dentro da casa dele, só mesmo vendo para acreditar nisso.

HGM gelou ao ouvir isso, pois tinha as características de estar vendo um quadro de Claude Monet bem na sua frente, uma obra valiosíssima, esquecida na casa de um senhor que nem saberia de quem se tratava.

Depois disso, e ainda impressionado com o quadro, foi conhecer os quartos e logo avistou uma cama enorme de madeira bem desenhada, uma penteadeira antiga com gavetas, um espelho grande e um banco forrado e macio, ainda originais da época do móvel.

HGM vendo tudo aquilo, logo disse:

— Estou dentro de um museu vivo, com uma casa do século passado, móveis ricos em detalhes, tudo bem conservado e digno de uma história de cinema.

Seu Philó respondeu já sorrindo:

— Moço, várias coisas desta casa foram presentes dos amigos, e procuro sempre preservar cada objeto passando casca de laranja lima em pó, que eu mesmo faço lá no fundo do celeiro. E lembre-se sempre que essa árvore mudou a minha forma de ver a vida, zelar pelos meus chegados e me descobrir como um homem forte.

Depois dessa prosa maravilhosa e do aprendizado com Seu Philó, o “compadre” Figueiredo, disparou a falar:

— Ô Siô, te falei que você tinha que conhecer o Philó e suas terras, pois quem vem aqui sempre sai mais fortalecido, e eu que não sou bobo nem nada, venho sempre que posso.

Depois dessa fala atropelada do “compadre” Figueiredo, todos sorriram, se abraçaram e foram andando para a porta da casa do Seu Philó, deixaram o chinelo de pano numa cesta, calçaram seus sapatos, se despediram, subiram na charrete e foram conhecer as cabras.

Seu Philó se despediu:

— Vão com DEUS meus amigos, voltem sempre e vejo vocês brevemente.

“Compadre” Figueiredo e HGM fizeram sinal com as mãos e tocaram a charrete de volta para a estrada de terra. Nesse momento HGM olhou para trás e a casa da fazenda virou uma grande luz, como aquela que ele tinha sonhado quando sobrevoava a cidade.

“Compadre” Figueiredo logo disse:

— Simbora Siô, agora a próxima parada são nas minhas cabras e na minha casa.

HGM todo íntimo logo disse:

— Simbora compadre.

“Compadre” Figueiredo respondeu:

- Eitia Siô, agora somos amigos de verdade, você parou de me chamar de Figueiredo, prefiro mesmo só “compadre”, e se segura que “Cavalito” tá com pressa.

E o cavalo acelerou levantando poeira na estrada de terra, e que pelo visto só ia parar na casa do “compadre”.

Assim, a manhã já se foi quase toda. Que aventura, pensava HGM, nada programado, mas com uma riqueza impressionante, sentindo aquele vento no seu rosto, a poeira subindo, a natureza viva, e suas emoções tomando um forma que seu olhos se enchiam de lágrimas a todo instante, pois estava tendo uma experiência que não esperava, ainda mais com pessoas que não conhecia.

“Compadre” Figueiredo informou que já estavam chegando:

— Olha Siô, aquela é a entrada da minha casa, estamos chegando.

“Compadre” abriu um pequeno baú que tinha em sua charrete e puxou uma buzina para avisar as suas cabras e sua família que já tinha voltado da cidade. Aquele barulho fazia “Foooooooooooooooooom Foooooooooooooooooom Foooooooooooooooooom” e as cabras começavam a pular e fazer seus sons característicos, pois sabiam que seu dono, ou melhor, seu amigo estava de volta para cuidar delas. Assim, entrou em sua propriedade já gritando e chamando algumas cabritas:

— “Ximbiiiiiiica, Meguiiiiiinha, Fogooooosa, Cabritooooona”.

Essas eram as quatro mais antigas que praticamente botavam ordem nas outras cabras. E da entrada da casa principal, a esposa do “compadre” também já os esperava com um belo sorriso, um enorme avental sobre sua roupa xadrez, além de um lenço da mesma cor do vestido amarrado na cabeça, parecendo ter sido sobra do mesmo pano da roupa, mas era muito bem confeccionado.

E assim o “compadre” e HGM chegaram a casa para conhecer suas cabras.

“Compadre” Figueiredo, já chegou falando com sua esposa:

– Clotilde, eu trouxe o moço da cidade para conhecer nossas cabras, e tenho certeza que ele também vai gostar das suas cocadas.

Dona Clotilde com seu sorriso encantador e feliz por ter visita, respondeu:

– Que maravilha moço, mas antes de ver as cabras você vai ter que comer as minhas cocadas, acabei de fazer algumas.

E todos riram, pois como era de costume, a mulher sempre mandava na casa, em qualquer parte do país.

Dona Clotilde levou HGM para a cozinha e mostrou uma bancada com cocadas de vários tipos, entre elas brancas, marrons e amarelas, e perdendo um pouco da timidez HGM foi logo perguntando se poderia pegar uma de cada.

HGM com os olhos brilhando e a boca salivando ao ver as cocadas, virou para o “compadre” e disse:

– Ô “compadre”, acho que não vou ver suas cabras, vou ficar aqui comendo essas maravilhas.

E todos riram vendo HGM com a boca cheia de cocadas, misturando todos os sabores ao mesmo tempo.

Após esse encontro gastronômico, que já era rotina nos locais que HGM passava, foram conhecer as terras e as cabras. Ao avistar o pasto das cabras, já perceberam uma euforia enorme, parecendo que elas estavam felizes com a visita também, mas “compadre” satisfeito com aquela animação e cheio de orgulho e felicidade, logo disse para HGM:

— Agora você percebe o motivo dos produtos serem tão apreciados na cidade? Minhas cabras são felizes, vivem em família, comem bem, dormem em locais limpos e são livres para andarem por toda a minha terra.

E logo as cabras começaram a se aproximar, todas ordenadas por “Ximbica e Cabritona, seguidas de Mequinha e Fogosa”.

“Compadre” com os olhos cheios d’água de tanta alegria, mais uma vez mostrou o prazer de viver naquele mundo que ele construiu e que seus filhos e netos certamente seguirão. Criador de cabras e produtores dos melhores leites e queijos que a cidade se acostumou a ter na mesa todos os dias.

HGM vendo aquela cena, ficou mais uma vez emocionado com tanta riqueza, com tanta energia boa, e sentiu realmente a presença de DEUS naquele local e ficaram horas experimentando queijos e mais algumas cocadas, batendo papo, falando sobre a vida e a hora foi passando, passando. HGM tomou um susto com o pôr do sol, pois mais uma vez não conseguira consertar os pneus do seu carro, e precisava voltar logo para a hospedagem de Dona Zezé, viu também que o “compadre” já estava cuidando das cabras e dos produtos frescos para serem entregues bem cedinho no outro dia aos moradores da cidade.

O “compadre” Figueiredo tendo que seguir seus afazeres ofereceu para HGM dormir em sua casa, e que sua esposa certamente já teria organizado um quartinho de hóspede para ele, mas HGM preocupado, pois não avisou a Dona Zezé, resolveu que deveria voltar para a hospedagem.

HGM falou:

— Ô “compadre”, agradeço muito o convite de ter conhecido suas cabras, suas terras, as cocadas de Dona Clotilde e o quartinho que arrumaram para eu dormir aqui, mas não avisei a Dona Zezé que ficaria fora. Fique tranquilo que conseguirei voltar para a cidade, pois tenho “memória fotográfica” e marquei vários pontos de onde passamos até chegar aqui.

“compadre” logo respondeu:

— Ô Siô, que raio é esse de memória fotográfica? Esses moços da cidade têm cada ideia maluca, mas se o moço quer voltar, eu posso te emprestar a bicicleta do meu filho ou um cavalo, o que você prefere?

Obviamente que HGM não tinha essa coragem toda para dominar um cavalo por lugares que não conhecia, e logo ficou imaginando o que faria com o cavalo durante a madrugada.

HGM respondeu:

— “Compadre” eu prefiro sua bicicleta, assim volto para a hospedagem, deixo com Dona Zezé para guardar à noite. Ainda aproveito a bicicleta amanhã cedinho para procurar seu Pedrito Borracheiro, conserto meu carro e depois trago sua bicicleta de volta.

“Compadre” sabia que não tinha como errar para chegar na hospedagem, e como teria que terminar suas tarefas do dia, não levou o moço da cidade de volta.

Dona Clotilde trouxe a bicicleta e entregou para HGM que agradeceu por terem o recebido em sua casa, pelas cocadas e queijos. Sabia também que o casal dormia cedo para começar os serviços antes de o sol nascer. Todos se despediram, e lá se foi HGM pedalando pela rua de terra vendo o sol se pondo e quando olhou para trás

para acenar ao casal também viu a mesma luz do sonho sobre a casa deles. Sem querer botar “minhoca na cabeça” começou a entender que se tratava de uma luz que brilhava num ambiente feliz e de paz, voltando a olhar para a estradinha de terra, ainda com um pouco de claridade do sol para colocar sua “memória fotográfica” em funcionamento. Sua mente logo mostrava... “opa, passei por essa árvore, eu conheço aquele portão caído no chão, estou no caminho certo”. HGM, ao perceber que não iria se perder, relaxou e foi pedalando devagar para apreciar o local com calma, vendo o verde, passando novamente pela entrada da fazenda do Seu Philomeno, vendo aquele pasto bonito, aquelas árvores frutíferas e toda aquela beleza em sua frente que somente refletia a paz, a harmonia, o ar puro e a certeza do presente que estava recebendo por estar ali. Pedalou mais um pouco, quando avistou a ponta da Igreja que ficava na praça principal da cidade se sentiu feliz, se sentiu leve, como se estivesse num local em que o tempo não passava tão depressa e tinha condições de realmente aproveitar todo o dia, fazendo várias coisas, e o melhor de tudo era que ele já não era aquele homem com hábitos carregados, era certamente outra pessoa e se sentia melhor por isso.

Chegando na praça, avistou a hospedagem e Dona Zezé já o esperava na porta com um olhar de mãe preocupada, e HGM também recebia esse olhar como se fosse de sua mãe...

Dona Zezé falou:

— Meu filho, já estava ficando preocupada, mas sabia que voltaria, e já preparei uma comidinha para você. Essa bicicleta é da casa de “compadre” e pelo visto você foi

conhecer “Ximbica e Cabritona”, além das maravilhas de cocadas de “comadre” Clotilde, acertei?

HGM nem se espantava mais com tantos acertos de Dona Zezé, e totalmente aos pingos de suor, foi logo encostando a bicicleta e dizendo:

— A senhora sempre certa das coisas. Conheci as cabras, comi as cocadas, mas também conheci a fazenda do Seu Philomeno e voltei pedalando e apreciando as belezas deste lugar. Agora eu preciso tomar um banho, trocar minha roupa, comer sua majestosa comida e descansar, pois amanhã irei direto procurar Pedrito Borracheiro, porque hoje não consegui chegar nem perto de onde ele se encontra. Dona Zezé, lhe digo que o dia foi espetacular.

Depois dessa prosa, HGM foi direto para o banho, colocou uma roupa simples, seu chinelo e foi jantar.

Dona Zezé já o esperava e lhe disse o que tinha feito para o jantar:

— Meu filho, hoje eu fiz um aipim cozido, ovo mexido e uma tapioca de queijo com banana e canela para você. Você quer quantas? Me diga que faço tudo na hora, bem quentinhas.

HGM nunca tinha comido tanto, pois sempre se preocupava se o terno ia entrar durante a semana, se policiava em comer pouco na cidade grande, além de tomar remédios inibidores de apetite, mas ali naquele local, isso não fazia parte de sua rotina e logo pensou que nunca mais entraria nessa paranóia de remédios para controlar a fome.

HGM respondeu:



— Dona Zezé nem sei como agradecer tanta preocupação e carinho, traga-me tudo que fez que vou comer com muito gosto.

Dona Zezé foi trazendo tudo que havia prometido, além de preparar mais uns dois tipos de sucos, colocara tudo na mesa para o moço da cidade se fartar de tanto comer, e depois de uns cinquenta minutos de comilança, ele limpou a boca com a mão e totalmente anestesiado de sono e de tantas emoções do dia, se levantou, deu um beijo na testa de Dona Zezé como um ato de agradecimento e foi direto para o quarto, tirou seu chinelo, deitou e dormiu.

## *O mesmo caminho e novos olhares*

Já passava das 7 horas e HGM ainda não tinha acordado, quando alguém chamou Dona Zezé na porta da hospedagem. Era Geraldinho, filho de Pedrito e Lelinha, que já chegou gritando:

— Dona Zezé, Dona Zezé, nasceu mais uma irmã minha, agora já somos 14 filhos lá em casa, vim aqui para lhe dar essa notícia, e que painho pediu para lhe convidar para ser madrinha da menina.

Com toda aquela gritaria e associando o número de filhos, HGM logo pensou que só poderia ser filho de Pedrito Borracheiro e logo correu para falar com rapaz.

HGM perguntou:

— Bom dia meu rapaz, você é filho do borracheiro? Ele já está atendendo hoje? Preciso consertar dois pneus do meu carro e voltar para a estrada.

Geraldinho respondeu:

— Rapaz, ele até poderia consertar seus pneus, mas você não pode sair daqui hoje, pois vai perder a melhor festa da cidade.

Dona Zezé chegou rápido e entrou na conversa:

— Geraldinho meu filho, que maravilha o nascimento de sua irmãzinha, diga a seu pai que agradeço o convite, mas como você sabe que costume adivinhar as coisas, já

até preparei umas roupinhas para a menina, que eu mesma costurei e bordei, eu já sabia que seria menina. Como ela se chama?

Geraldinho respondeu:

— É Caroline, se chama Caroline... Carolzinha.

Dona Zezé olhou para HGM e também disse:

— Bom dia, dormiu bem? Vamos tomar café que está tudo fresquinho a sua espera. Agora pelo café ia lhe dizer da nossa festa na cidade, mas algo me dizia que você ficaria de qualquer jeito por aqui para aproveitar a festa.

Ouvindo tudo aquilo, HGM já começando a se acostumar com o café da hospedagem e com as surpresas da cidade, apenas sorriu e foi direto para a grandiosa mesa repleta de comidas gostosas, que se repetiam todos os dias com as mesmas maravilhas.

Dona Zezé convidou Geraldinho para tomar café que de imediato aceitou, pois afinal de contas, quem recusaria tanta iguaria?

Dona Zezé convidou:

— Geraldinho, entre para tomar café com o moço e depois você vai com ele de bicicleta até seu pai e resolvem como irão consertar os pneus.

Geraldinho respondeu:

— É claro que aceito tomar esse maravilhoso café, pois sempre que tenho recado para lhe dar venho esse horário já esperando o seu convite para entrar.

E todos começaram a sorrir de tamanha a sinceridade do menino. Assim, foram os três para os fundos da hospedagem, sentaram e se deliciaram por alguns preciosos minutos.

HGM sempre que participava desse café tinha uma sensação de prazer interminável, sentia uma riqueza em cada detalhe simples de como tudo era feito e estava ali na sua frente. Durante esses poucos dias na cidade, sempre ao se deitar pensava como poderia viver numa agitada cultura da grande cidade sem se dar conta da importância de cada gesto, de cada minuto sem correria, do ar que respirava, da natureza e dos animais que via pela cidade, além das maravilhosas pessoas que cruzavam o seu caminho a cada instante, estas que sempre lhe traziam um aprendizado e a certeza que ninguém queria disputar nada com ele, pois queriam apenas trocar experiências de vida.

Passado o momento do café e das grandes prosas, chegou a hora de subir na bicicleta e tentar resolver a questão dos pneus.

HGM falou:

— Dona Zezé já chega de comer, pois tenho que pedalar até resolver essa questão, e com minha barriga pensando certamente me cansarei logo.

Dona Zezé respondeu:

— Ô meu filho, essa comida é leve, logo fará a digestão. Vá com DEUS e não tenha pressa, aproveite suas novas experiências do dia.

Geraldinho agradeceu:

— Dona Zezé, nunca deixarei de tomar esse seu café, pois ainda lembro que quando eu era bem pequeno a senhora me dava mingau fazendo aviãozinho e eu comia tudo. Agora que posso comer sozinho eu provo de tudo um pouco e sempre saio daqui com a sensação de felicidade.

Dona Zezé respondeu:

– Felicidade, menino?

Geraldinho falou:

– Isso mesmo, felicidade é a palavra que tenho para lhe agradecer por esse momento. Sempre saio daqui com o “bucho” cheio e só volto a comer antes de dormir.

HGM disse:

– Isso que é menino sincero mesmo.

Depois disso HGM pegou a Bicicleta, Geraldinho subiu na garupa e foram em direção à Borracharia de Pedrito.

HGM perguntou:

– Geraldinho, quanto tempo levaremos para chegar na borracharia e qual o caminho mais rápido?

Geraldinho respondeu:

– O tempo que DEUS quiser para termos novas experiências no caminho. Mas o mais rápido mesmo é passando pela fazenda de Seu Philomeno, seguindo em direção à casa de “compadre” o dono das cabras e virando na rua do Cientista Vlademir, passando tudo isso chegará na borracharia.

HGM logo respondeu:

– Caramba, eu estava pertinho então, pois estive na casa do “compadre” Figueiredo e voltei para hospedagem. Só não entendi o motivo do “compadre” não me falar que estava no caminho da borracharia e me deixou voltar para a hospedagem sem saber disso.

Geraldinho respondeu:

– O “compadre” só pensa em cuidar bem de sua esposa, de suas terras, de suas cabras e de entregar os melhores produtos para a nossa cidade. E ele sabe também que cada caminho percorrido, mesmo que seja rotineiro

sempre nos mostra um destino diferente e novas experiências.

HGM ouvindo aquilo daquele menino logo pensou como todos daquela cidade tinham uma inteligência que nenhum livro era capaz de ensinar e como estava sendo rico viver cada momento.

HGM respondeu:

— Realmente, cada local é sempre um aprendizado, e posso lhe assegurar que todas as pessoas que conheci nesta cidade estão me ensinando muito, inclusive você.

Geraldinho respondeu:

— Muito obrigado moço, saiba que também aprendo com você, pois apesar de ser da cidade grande parece ser um filho de nossa terra, assim como eu. Viver cada momento, aprendendo, acertando, errando, mas caminhando sempre em frente pelo bem de todas as famílias da região. De que adiantaria se somente a minha família tivesse comida e lugar para dormir? Teríamos um local agradável para se viver? Seríamos felizes vendo outras pessoas passando fome e frio? Certamente que não, e isso nos foi ensinado de geração em geração, e agora enxergamos como um gesto simples e corriqueiro, portanto, fazemos o bem por todos de nossa cidade e pelas pessoas que aqui passam, assim como você.

HGM respondeu:

— Ô menino, que sabedoria você acumulou e que grande verdade foi essa que me disse... Aqui parece que tudo funciona perfeitamente e ninguém vive correndo em busca do dinheiro como um prêmio.

Geraldinho respondeu:

— Dinheiro? Aqui não vivemos por isso, vivemos pela graça de DEUS, e estamos sempre prontos para ajudar quem precisa, mas entenda que ajudamos os justos e sem passar a mão na cabeça de quem faz as coisas erradas, pois podemos enganar algumas pessoas, mas não conseguimos enganar a nossa relação com a Fé, pois nossa mente sempre nos cobrará pelos atos feitos de forma errada, e por isso devemos pensar sempre antes de agir, evitando problemas maiores.

E esse diálogo se deu pedalando a bicicleta e seguindo pela estrada de terra que cruzava as fazendas.

Geraldinho pediu ao moço para descer da bicicleta e apontou o caminho que ele devia seguir em direção ao borracheiro, pois acabara de se lembrar que precisava avisar para mais algumas pessoas sobre o nascimento de sua irmã, conforme o pai dele pediu.

Geraldinho disse:

— Moço, como o senhor já sabe chegar na casa de “compadre”, assim que passar a entrada da casa dele basta virar a direita na placa de madeira que estará escrito “casa do cientista” e mais algumas pedaladas avistará a borracharia do meu pai. Lá vocês decidem como irão fazer, pois preciso avisar as pessoas que minha irmã nasceu, é que “mainha” vai fazer um cuscuz para comemorar com os vizinhos. E o moço já está convidado.

HGM respondeu:

— Obrigado Geraldinho, farei o possível para ir na sua casa comer esse cuscuz, mas antes tenho que consertar os pneus, pois isso já está virando uma novela. Uma novela boa, mas tenho que concluir essa etapa.

Assim, o menino Geraldinho desceu, já entrou numa casa próxima e HGM seguiu pedalando, se lembrando dos momentos que teve na fazenda do Seu Philomeno, na casa do “compadre”, e da bela conversa que acabara de ter, mas que deveria seguir adiante.

HGM então começou a acelerar a bicicleta, pois aquela sensação de liberdade, do vento no seu rosto e da apreciação da natureza o deixava mais eufórico e mais feliz, e enfim consertaria seus pneus. Avistou umas cercas de madeira pintadinhas de branco, feitas com amor e muito capricho, pois eram quase que sem defeitos aos olhos de HGM que se encantara com tanta beleza. Continuou acelerando e sua velocidade aumentando, era como se fosse um menino descobrindo a bicicleta e a adrenalina, mas algo de repente aconteceu, perdeu o controle ao bater num buraco e seu corpo se projetou para frente com tanta força que bateu sua cabeça no guidão e caiu na estrada dentro do matagal.

Com tanta coisa boa acontecendo na vida de HGM, um passeio simples de bicicleta poderia deixar o rapaz caído dentro do matagal na beira da estrada por horas, pois além de desacordado, ninguém tinha visto o acidente, e para piorar, como um homem seria ajudado numa estrada de terra, sem ter vínculos reais de amizade com os moradores, sem nunca ter visto passar uma ambulância pela cidade desde o dia que lá chegou?

*Vejamos como a vida nos prega peças, pois a cortina pode ser fechada a qualquer momento e nossa importante vida deixaria de existir num simples piscar de olhos. Seria então importante que você refletisse sobre o que precisa realmente consumir*



*e quem realmente é importante no seu dia, e quando descobrir isso, ame, agradeça, beije, abrace e diga o quanto é importante ter essas pessoas por perto, e faça logo, pois um gesto de emoção, de uma lágrima de felicidade que se cai é certamente a presença do amor que emana da sua alma em comunhão com a esperança de viver dias melhores.*

Passados alguns minutos, ainda confuso sobre o que tinha acontecido, HGM percebeu que seu braço estava preso entre a corrente e o aro de trás da bicicleta, e logo viu um grande corte em seu braço que certamente necessitaria de cuidados especiais de algum médico, mas naquele lugar sozinho, com o braço preso e com sangue escorrendo e pingando quando chegava ao seu cotovelo, se deu conta que estava ali passando por uma situação que se contasse para alguém ninguém acreditaria, pois se distraiu completamente do foco e de sua meta. Essas palavras eram ditas de forma rotineira nas suas atividades profissionais e poucas foram as vezes em que ele se permitiu errar, pois ser cobrado por alguém era um pavor na vida dele, que sempre priorizava alcançar os seus objetivos superando todos os obstáculos. Agora estavam apenas ele, a bicicleta, uma forte dor de cabeça e um profundo corte em seu braço, fato este que obviamente necessitaria ser cuidado em um hospital ou posto de saúde.

HGM retomando aos poucos sua consciência, logo pensou no que aconteceu, estava tudo sob controle e um pequeno buraco no chão mudaria a sua trajetória de alegria, pois estava tão feliz apreciando a paisagem e o clima que quis o destino lhe pregar essa nova experiência.

HGM viu que a bicicleta não tinha sido danificada, mas que precisava rapidamente se levantar e prosseguir para buscar ajuda, mas ainda com o braço preso na corrente e com fortes dores de cabeça não conseguiu se levantar... e assim de forma surpreendente escutou um barulho de pessoas dando altas risadas, quando olhou para trás percebeu que estavam vindo dois casais jovens, também andando sobre duas bicicletas e que logo perceberam que HGM estava machucado.

HGM logo em seguida caiu novamente no chão com a bicicleta por cima dele, mas agora uma esperança de ajuda, o primeiro rapaz com uma moça na garupa logo avistou HGM caído e se aproximou para ajudar.

HGM ainda gritou com o que restava de suas forças:

— Me ajudem, estou preso aqui e minha cabeça está doendo muito.

O rapaz chegou rapidamente com sua namorada e disse:

— Boa tarde meu amigo, me chamo Cristiano, somos médicos e vamos lhe ajudar, apenas fique calmo.

HGM não acreditou no que acabara de ouvir, sorriu e suspirou com um ar de alívio agradecendo, até que desabou no chão novamente.

Os médicos perceberam o desmaio, e logo ajudaram HGM retirando primeiro o seu braço da corrente da bicicleta e providenciaram o transporte de HGM com a força dos braços mesmo, e suas namoradas montaram nas bicicletas e saíram pedalando para preparar um local para melhor atendê-lo. Naquele momento, HGM sentia que estava seguro com aquela ajuda e sabia que estava sendo

levado no colo por dois homens que se desdobravam para transportá-lo.

Algum tempo depois, chegaram até a casa dos pais de um dos médicos e já estava tudo preparado, com uma cama de madeira com lençóis limpos, uma maleta de primeiros socorros, uma bacia de água e um chá de camomila para acalmar HGM enquanto eles faziam os procedimentos. Logo começaram a limpar o ferimento, colocaram uma compressa de gelo na sua testa e começaram a conversar com HGM para que ele se distraísse a ponto de levar alguns pontos no braço sem anestesia.

Doutor Cristiano informou a HGM:

— Fique calmo que será um procedimento rápido, onde você levará alguns pontos no braço, porém terá que ser resistente, pois não temos anestesia aqui, apenas uma pomada que passaremos próximo do corte para aliviar essa dor.

Quando HGM se deu conta, estava sendo tratado por 4 médicos naquela casinha que nem ele sabia como havia chegado, mas todos eram muito atenciosos e o deixavam calmo naquele momento.

Doutor Cristiano disse:

— Calma meu rapaz, fique tranquilo que já está terminando e vai ficar tudo bem.

Quando lá de dentro uma voz forte e envelhecida fez um alerta:

— Meus filhos, o almoço está quase pronto e daqui ninguém sai sem comer, pois Neuza preparou um feijão no fogão a lenha.

Doutor Cristiano logo respondeu:

— Essa é a maravilha da casa do Cientista, só estamos aqui por esse feijão (*risos*).

HGM logo disse:

— Aqui é a casa do Cientista Vlademir?

Aquela voz forte e envelhecida respondeu:

— Aqui mesmo meu filho, eu sou o Vlademir, mais conhecido como Cientista, seja bem-vindo a minha casa e tenho certeza que seremos grandes amigos.

Doutor Cristiano informou:

— Pronto, procedimento concluído. Papai traga aquele licor de jenipapo que o senhor faz e vamos brindar por essas novas experiências e pela nova amizade, mas vai devagar, é apenas um brinde. Lembra da última vez que você nos trouxe? Ficava dizendo: “Tome mais um pouquinho, tome mais um pouquinho”, e assim foi, só me lembro de ter acordado lá na rede da varanda.

E todos riram, pegaram seus pequenos copinhos de licor e fizeram um brinde iniciado pelo Cientista Vlademir que logo disse:

— Meus filhos, tenho dois tipos de licores, um com álcool e outro sem álcool, e assim vocês escolhem o de sua preferência, mas eu beberei o sem álcool.

HGM já se sentindo acolhido respondeu:

— Então eu sugiro que sigamos conforme o dono da casa, e também farei o brinde sem álcool.

Doutor Cristiano e os outros médicos responderam:

— Então será o sem álcool.

Assim até Neuza entrou no brinde, pois nunca bebia nada com álcool, e lá estavam os 4 médicos, HGM, Cientista Vlademir e sua esposa Neuza fazendo um brinde pela vida e pelas coincidências do destino.

Cientista Vlademir puxou o brinde:

— Levantem seus copos, agradeçam a DEUS por estarem vivos e pela nossa saúde, pois ainda quero estar com vocês por mais uns vinte anos.

Todos riram, pois o Cientista Vlademir já beirava os noventa e cinco anos.

Brinde feito, todos provaram aquela bebida caseira e sem álcool que tratava-se de outra iguaria da região. Neuza, esposa de Vlademir, foi até a cozinha buscar a enorme toalha de mesa e começou a arrumar os lugares, pois depois de passado o susto com o acidente de HGM só lhe restavam descansar e apreciar o que ainda estava por vir.

Assim Neuza anunciou:

— Chegou o feijão e num grande momento, pois depois do susto que o moço levou, agora precisa ficar forte e posso garantir que em 20 minutos de comida você estará forte como um touro.

Assim novamente a alegria tomou conta da vida de HGM que desde o dia que chegou na cidade tinha comido mais do que os 3 meses anteriores, e sua enorme preocupação em caber nos ternos e ficar elegante tinha realmente ficado no passado.

HGM logo disse:

— Meu Deus que maravilha esta cidade, que pessoas espetaculares! A cada momento me surpreendo com tanta generosidade e a alegria de vocês é realmente contagiante. Como faço para agradecer por tanta ajuda?

Cientista Vlademir respondeu:

— Se quer mesmo agradecer, coma de lambar os beijos. Agora vamos atacar o feijão.

Neuza gritou:

— Um viva para Deus, um viva por estarmos aqui reunidos em família, um viva a nossa saúde e um viva a alegria.

E todos gritavam: “Viva, Viva, Viva!”.

Neuza começou servindo seu marido Vlademir, depois serviu o moço visitante, seu filho Cristiano serviu os outros e quando todos já estavam devidamente com pratos sobre a mesa Neuza disse:

— Esqueci uma coisa, esperem que volto já.

E lá foi Neuza até a cozinha para buscar um delicioso pão que acabara de tirar do forno a lenha e uma jarra de suco de maracujá, fruta que tinha retirado do pé logo cedinho.

Neuza voltou à mesa e disse:

— Agora está tudo pronto, o feijão, o pão e o suco de maracujá para acalmar depois da comilança, pois ninguém sairá daqui antes de descansar na rede. E o moço nem tente pensar em sair correndo daqui.

Doutor Cristiano logo disse:

— Nem pense em sair daqui tão cedo, pois com a pancada na cabeça ficaremos lhe observando por 24 horas, agora coma à vontade e descanse.

HGM esboçou falar alguma coisa, mas logo foi interrompido por Vlademir:

— Moço depois de você comer esse feijão, tomar esse suco de maracujá eu mudo meu nome se você tiver força para ir embora.

E todos riram, pois essa era a maior verdade dita naquela mesa.

Aquela panela grande com um feijão fresquinho, com um bom caldo, além da fumaça subindo e aquele cheiro

adentrando em nossas narinas como um presente gastronômico e tudo feito no fogão a lenha... então, qual seria o valor desse momento? Como mensurar o amor envolvido para cortar cada ingrediente e na medida certa acompanhar essa maravilha sendo feita? Será que você consegue se imaginar fazendo parte dessa mesa, e se deliciando com os personagens desta história? Pois é, trata-se da vida real, de mais uma riqueza das coisas simples, do momento mágico que deveria ser mantido da família se reunir para as refeições, de tantos momentos sendo lembrados e outros sendo construídos, de novas experiências, de cada ente familiar ou agregado relatando suas dificuldades enfrentadas no dia a dia e como conseguiram se organizar para superá-las.

Quantas coisas podemos observar durante as refeições em família, como ficam marcantes os momentos em que recebemos alguém e como um convidado se sente membro ao dividir um alimento? Uma trajetória de conquistas se faz quando valorizamos cada pessoa que nos estende a mão, se faz quando realmente lutamos por um ideal de solidariedade e esse aprendizado nos fortalece como seres humanos. Nos dias atuais e em alguns casos encontramos situações de auxílio ao próximo quando se encontra uma suposta vantagem mais para frente, mas felizmente ainda existem pessoas de caráter, que vivem a harmonia e a fraternidade, sem distinção e sem a ganância de querer se dar bem em tudo. Assim a família do Cientista Vlademir tratou HGM como um ente familiar, cuidando de sua ferida, acolhendo em sua residência, alimentando-o e deixando-o se sentir à vontade e calmo

depois do susto que levou. E ainda mais experiências virão entre HGM e o Cientista Vlademir.

HGM agradeceu depois de tanta fartura:

— Não tenho nem palavras para agradecer essa comida maravilhosa, esse carinho e zelo comigo.

Cientista Vlademir respondeu:

— Não tem nada que agradecer, pois aqui nos tratamos da mesma forma que tratamos nossos familiares e amigos.

Neuza pediu licença, se levantou e foi direto para cozinha. Minutos depois aquele cheiro de café feito no coador de pano pareceu procurar as pessoas que estavam na sala, e logo em seguida um aroma de bolo de milho se misturou com o aroma do café, deixando todos anestesiados e sabendo o que estava por vir, pois mesmo sem falar qualquer palavra, já faziam aquela cara como se estivessem sentindo um cheiro bom no ar. Cientista Vlademir sempre comunicativo logo falou:

— Eita, que outra maravilha está chegando. Tem coisa melhor que esse cheirinho bom de café e do bolo de milho da Neuza?

E todos aguardando para sentir o gosto do que já imaginavam pelo cheiro que entrava em suas narinas e emitia imediatamente estímulos ao cérebro, este que produzia algo como: “QUE MARAVILHA É ESSA?”.

Assim, Neuza apareceu com aquele bolo amarelinho com cheiro forte de milho numa travessa de madeira que ela mesmo tinha feito, um bule de café e vários pratos de alumínio que pareciam ter uns 40 anos.

Doutor Cristiano logo disse:



— Esses pratos de alumínio me lembram sempre a excelente infância que tive, pois sempre depois de correr por esta fazenda, pelas ruas de terra, de tomar banho de rio, de pegar frutas nas árvores, de andar a cavalo, de jogar bola, enfim, de tantas coisas livres que fiz quando criança, era só chegar em casa, tomar um banho, trocar de roupa e ir direto para a mesa esperar minha mãe trazer essas delícias no bom e velho prato de alumínio.

Cientista Vlademir ressaltou:

— Esses pratos já devem ter uns 50 anos ou mais, pois foram da minha última viagem à França. Ganhei esse jogo numa hospedaria que fiquei lá pelos lados de Giverny, quando fui visitar a casa do pintor Monet.

HGM quando escutou aquilo ativou seu senso de curiosidade e começou a perguntar:

— Senhor Vlademir, me contaram que o senhor tem grandes histórias de vida e que foi um dos primeiros professores a lecionar aqui nesta cidade. Posso ouvir um pouco de sua experiência de vida?

Cientista Vlademir sorriu e respondeu:

— Meu jovem, só a introdução já levaria a noite toda e você teria que ter paciência. Gostaria de ouvir mesmo assim?

Doutor Cristiano também entrou na conversa:

— Ótimo papai, pois o moço precisará ficar aqui esta noite em observação e terá que ficar acordado um bom tempo. Com esse bolinho, esse café e seus relatos conseguiremos nos divertir bastante por aqui hoje.

Cientista Vlademir deu um tapa na mesa e disse:

— Então vamos lá!

Nesse momento mais uma vez percebemos que existem alguns lugares em que a sintonia e o ambiente são favoráveis para atingirmos a tão sonhada qualidade de vida.

Vejam que no local existe uma simples comida, um bom café, uma cama confortável e pessoas dispostas a trocarem experiências de vida, isso mesmo, de VIDA! Em nenhum momento se falou em dinheiro, em quanto custaria a consulta médica, e sim no poder de estender a mão a quem precisa e compartilhar o pouco que se tem sem querer nada em troca, tudo isso, pelo simples fato de amar ao próximo. Será que nos dias de hoje alguém abre sua casa, divide o seu pão, recebe com carinho e ainda cria esse ambiente com algum desconhecido? Pois é, existem sim pessoas capazes de viver em doação, de sorrir para quem não conhecem e de ser gentil. Assim pensamos que a maior necessidade que possamos pensar em ter, às vezes pode ser creditada a um gesto simples e que está do seu lado, mas você não consegue ou se nega a enxergar. Façamos uma reflexão do que realmente precisamos para viver e do que o mundo tenta nos fazer criando necessidades em nossas mentes. Talvez tenhamos que perder alguma coisa para valorizar outra, talvez precisássemos passar um dia de fome, sede e frio para valorizarmos o que temos. Será que precisaremos ficar alguns segundos sem ar, alguns segundos sem ver, alguns segundos sem falar, alguns segundos com dores pelo corpo, alguns segundos sem um abraço de pai, mãe ou de filho para entendermos o que realmente precisamos e já fomos presenteados por Deus? Será que passou um filme na sua cabeça, que você agora está sozinho no meio da rua, sem ninguém para

te elogiar, sem ninguém sorrindo com as suas histórias, sem família, sem amigos e se sentindo frágil? Entenda que você tem a sua VIDA para comemorar, agradeça ao criador por conseguir ter controle de sua mente, de poder bater no peito e dizer EU NÃO SOU PRISIONEIRO DA VIDA, tenho forças para seguir realizando, tenho o poder de seguir minha caminhada, a minha missão e tudo mais que tiver a oportunidade de realizar, pois eu tenho FÉ!

Assim retomaremos aos diálogos na casa do Cientista Vlademir sobre como começou a trilhar o seu caminho durante esses longos anos e ainda conseguir se manter lúcido e criativo.

Cientista Vlademir iniciou:

— Meus amigos e familiares, desde muito jovem já me interessava pelo sol, estrelas, lua, chuva, temperatura e como esses fenômenos impactavam a vida das pessoas e dos animais. Ainda criança vivia observando tudo, tentando entender, por exemplo, como viviam as formigas e qual o motivo de carregarem tantas folhas e de forma enfileiradas para debaixo da terra. Eu via aquilo e me perguntava se eu e as formigas tínhamos a mesma necessidade, digo necessidade de comida, de abrigo e de afeto familiar. Na minha infância sempre tive muito carinho e atenção dos meus pais, com horários para me alimentar, horários para dormir e acordar, horários para tomar banho, horário para prostrar, horário para brincar e um dos melhores horários que era o de ler, isso mesmo, eu lia de tudo. Andava pela rua e ficava lendo placas, pensava no nome das pessoas e tentava transformar um nome masculino em feminino e suas possíveis variações. Tentava calcular o tempo conforme o posicionamento do sol, tentava

entender se ia chover ou fazer sol durante o amanhecer. Que lindo é o amanhecer, quantas vezes vocês viram o sol nascendo? Nesses últimos 60 anos eu vi todos os dias! É um presente para o ser humano, e vocês deviam ver mais vezes. Com tanta curiosidade na cabeça de um menino, fui crescendo e conseguindo adquirir mais livros e textos que me fizessem evoluir, que me dessem a sensação de acúmulo de experiências, e dessa forma comecei a interagir com pessoas mais velhas sempre pedindo que me ensinassem alguma coisa, algo que elas realmente fizessem bem e que pudessem compartilhar comigo. Assim conheci um professor que vivia estudando no exterior, pois ele queria aprender o que se passava no mundo para ensinar as crianças e jovens da região que estivesse morando. Ele sempre me dizia que conhecimento precisa ser dividido e todo mundo tem a alma de professor, pois para ensinar basta querer e ter paciência com o outro. Nascemos sem nenhuma informação e somos capazes de absorver qualquer ensinamento e em qualquer etapa de nossas vidas. Assim, logo me interessei pelos artistas, digo, pintores, músicos, poetas, escultores e por último os fotógrafos, e posso assegurar que as coisas foram acontecendo, foram se encontrando pelo caminho, as pessoas foram surgindo com suas vivências e fomos trocando informações sobre a vida. Me lembro bem, quando tive a oportunidade de fazer a minha primeira viagem internacional e fui conhecer Paris, um belíssimo lugar, que encantava por suas construções, sua história, seu povo, sua gastronomia. Por uma preciosa armadilha do destino estávamos, eu e alguns amigos desbravadores por experiências, com a oportunidade de conhecer a casa de Claude Monet, in-

felizmente alguns anos depois de sua morte. Senhoras e Senhores, posso garantir a todos vocês que aquele local ainda respira a presença dele, sentimos que tudo estava exatamente como ele deixou e quis que ficasse após a sua partida. Para chegarmos até lá pegamos um trem que saía da estação St. Lazare por um lindo caminho de belas paisagens, onde levamos uma hora e meia até chegarmos à estação Vernon, um local bucólico, um cenário perfeito para jovens em busca do novo. De lá caminhamos por mais umas duas horas, pois devido à beleza do local sempre nos distraíamos, o que fez demorar mais tempo até chegar à casa de Monet, mas sabíamos que cada momento vivido não voltaria mais e acumular experiências sempre foi o meu maior prazer. E continuamos registrando mentalmente cada construção, cada plantação, cada árvore, cada animal que surgia pelo caminho, cada tropeção nos tocos de árvores caídos no chão, enfim cada segundo que nos era permitido trilhar. Passado algum tempo avistamos uma placa simples que indicava: “Casa de Monet”. Então seguimos pelos quinze minutos finais da caminhada, estes em que já desejávamos um copo de água e quem sabe alguma coisa para mastigar. Tinham outros brasileiros comigo, um que morava em Jequié na Bahia e um gaúcho filho de italiano, este último que avistou o muro de pedras que cercava a casa de Monet. Com todo o nosso espírito de aventura não tínhamos ideia do que encontraríamos dentro da casa, mesmo conhecendo um pouco da história do mestre do impressionismo. Enfim, chegamos a casa, tocamos um sino que ficava na entrada e fomos recebidos pelas pessoas que moravam e cuidavam da casa que seria futuramente transformada na Fundação Monet.

Lembro-me bem, que ao entrar, fiquei alguns minutos parado olhando aquela beleza, pois o atelier de Monet era lindo e ao mesmo tempo simples, com um pé direito alto, uma enorme janela e vários quadros pendurados na parede, ali tudo respirava a obra do mestre. Eu queria mexer em tudo, mas sabia que não poderia, queria ter 1% da inspiração dele, queria me sentar em uma de suas cadeiras, ler um livro sobre sua mesa. Meu DEUS! Era um lugar realmente mágico e inspirador que nunca saiu da minha memória. A casa era linda com grandes janelas verdes de madeira, chaminé para dar um clima romântico, tinha um cômodo com belíssimos azulejos azuis em toda a parede, e era cercado por muito verde, muitas plantas, árvores frutíferas, flores vermelhas, flores rosas e de tantas outras cores que só indo ao local para perceber o que digo para vocês, pois estamos falando do Jardim de Monet. Me lembro como se fosse hoje, pude colher algumas maçãs diretamente do pomar dele, pude caminhar no meio das plantas, das árvores, me sentar nos bancos também de madeira, ouvir o canto dos pássaros e apreciar a obra da natureza, mas o melhor ainda estava por vir, pois continuamos andando até chegar ao famoso jardim das águas, o que tem a ponte japonesa sobre o lago, gerando a belíssima obra chamada, “O Lago das Ninfas”, famosa no mundo todo, sendo a marca registrada de Monet, pintada em 1899. Resumindo esse local como um lugar incrível, um clima extraordinário, uma beleza estupenda e uma viagem espetacular! Lá pude comprar umas pinturas em réplica que eram reproduzidas dentro da casa para os admiradores da obra, e uma delas até dei de presente para Seu Philomeno anos atrás. Tenho certeza que ainda está

na casa dele, pendurada na parede, e posso garantir que quem não é especialista em artes chega a acreditar que é uma pintura original. Enfim, o que vale é a lembrança, o aprendizado de cada percurso. E obviamente que não teria dinheiro para comprar um original do artista. *(risos)*.

HGM com os olhos arregalados de tanta curiosidade queria ouvir mais do Cientista Vlademir, e logo perguntou:

— Senhor Vlademir, o senhor conheceu outros países?

Doutor Cristiano logo respondeu:

— Meu DEUS, era tudo que o papai gostaria de ouvir, agora essa prosa só acaba na hora da festa da cidade.

E todos riram.

Cientista Vlademir respondeu:

— Meu jovem, estive em mais de dez países da Europa, pois a história viva me fascina, conhecer cada local e poder acompanhá-lo com um livro na mão é certamente uma aula a céu aberto e essas experiências eu sempre trouxe para os locais em que trabalhei. Sobre qual país da Europa você gostaria de ouvir primeiro? Mas te digo que é conversa para mais de um mês. *(risos)*.

Neuza entrou na conversa e disse:

— Vlademir, já está tarde, vamos todos descansar, pois amanhã tem a festa da cidade e teremos muito trabalho pela frente. O moço precisa descansar e já aprontei o quarto de hóspedes para ele.

Cientista Vlademir respondeu:

— A dona da pensão já deu seu veredicto e temos que acatar, amanhã continuamos essa conversa ou então em

outra data com mais calma, pois tenho certeza que o moço estará sempre por perto daqui para frente.

HGM percebeu que o sono já começava a tomar conta dele e de todos, e pensava agora em somente se deitar, pois embora a conversa estivesse excelente, ainda sentia dores pelo corpo devido ao acidente.

Cientista Vlademir se levantou e disse:

— Então vamos todos para os nossos aposentos, durmam bem e se o moço precisar de alguma coisa durante a noite pode ficar à vontade, a geladeira tem comida e sucos. Se sentir-se mal basta tocar este sino que meu filho levanta para lhe atender.

E entregou um sino para HGM.

Neuza disse:

— Durmam todos em paz e amanhã teremos muito trabalho para a nossa festa.

E todos foram para seus respectivos quartos descansarem.

Na madrugada HGM começou a ter sonhos que o deixaram agitado, e começou rolar de um lado para o outro até que caiu no chão e acordou levando um tremendo susto. Assim, com dificuldade para dormir e sem querer incomodar os outros, ele se levantou e começou a andar pela casa de um lado para o outro tentando não fazer barulho para não acordar ninguém. HGM caminhou até a porta dos fundos da casa e percebeu uma luz acesa no alto de um pequeno cômodo lá no fundão do terreno da casa do Cientista Vlademir. HGM pensou em voz alta e se perguntou: “Será que deixaram a luz acesa ou teria alguém lá?”. Logo após pensar isso a luz do cômodo se apagou, depois a luz acendeu novamente e uma sombra



passou rápido pela janela dando a impressão de ser o Cientista Vlademir.

HGM pensou: “Será que o Cientista Vlademir está acordado a essa hora?”. A curiosidade tomou conta de HGM que abriu a porta e foi em direção ao cômodo e novamente a luz se apagou e uma porta se abriu lentamente, onde a figura do Cientista Vlademir surgiu descendo da escada.

Cientista Vlademir disse:

— Meu jovem o que faz acordado a essa hora, não gostou da cama, aconteceu alguma coisa?

HGM relatou:

— Eu tive pesadelos à noite e quando acordei estava caído no chão, não consegui mais dormir. Me desculpe se minha curiosidade pareceu falta de educação, mas como estava sem sono resolvi me levantar e andar um pouco, foi quando vi esse cômodo e uma luz acesa e depois ela se apagou, depois acendeu novamente, me chamou atenção e logo vi uma sombra passando rapidamente. Me desculpe, não quis parecer um intruso.

Cientista Vlademir respondeu:

— Não precisa se desculpar. Como falei para vocês, eu sempre acordo cedo e quando tenho alguma ideia durante a noite, anoto no meu caderninho e logo em seguida venho para o meu refúgio, um cantinho que chamo de “a caverna do barba”, local em que eu me sinto forte, revigorado, faço minhas leituras, escrevo, faço minhas pesquisas e guardo tudo que me remete a boas lembranças do passado. Você quer conhecer? Só não repare a minha bagunça organizada.

HGM respondeu rapidamente:

— É uma honra poder conhecer a sua caverna.

Assim, o Cientista Vlademir fez um gesto para que HGM o acompanhasse e começaram a subir uma escada de madeira, que os levou àquele local de muita história.

Cientista Vlademir acendeu seus quatro lampiões e fechou a cortina.

HGM quando percebeu a claridade tomando conta daquele local ficou maravilhado com o que viu, sabia que estava num local com tanta história que nenhum livro poderia contar e nenhuma viagem poderia lhe oportunizar. Logo ele percebeu um busto de argila com o rosto do Cientista Vlademir, encontrou uma estante gigantesca com vários livros antigos e bem conservados, encontrou obras de arte, réplicas de quadros de Monet, um grande mapa na parede, viu também uma escrivaninha com madeira bem antiga repleta de blocos e anotações, encontrou uma máquina de datilografia, caneta-tinteiro, uma bússola, uma coleção de relógios de bolso, um pendurador de chapéus, uma lupa, uma câmera fotográfica, um grande baú de madeira rústica, uma cadeira espreguiçadeira de ferro fundido bem ao lado de uma grande luneta em tom de cobre que estava direcionada para uma janela lateral de madeira branca. HGM não conseguia fixar o olhar para um único local, pois estava diante de tanta coisa que logo ficara pensando em poder passar ali pelo menos uma semana para poder utilizar tudo aquilo que estava a sua frente.

Cientista Vlademir lhe apresentou uma de suas paixões e abriu o baú de madeira. Dentro estava uma grande coleção de moedas antigas de lugares que ele conheceu em suas viagens, pois era uma forma de guardar algo que

duraria para sempre, tinha também várias fotografias antigas num álbum que conservava toda aquela riqueza, dentre as fotos prediletas estavam as de paisagens, plantas, arquitetura de igrejas e casarões. Tudo bem conservado como em um grande museu.

HGM estava hipnotizado com tanta riqueza e sua euforia era tanta que nem se lembrava dos pesadelos da noite ou das dores pelo corpo e só pensava em ter em sua casa um local semelhante para guardar e compartilhar a sua história de vida.

Cientista Vladimir logo informou:

— Meu jovem, aqui tem muita história, mas o importante é que cada bagagem seja repleta de atitudes pelo novo, pela descoberta, e tudo que tenho aqui me faz lembrar de cada passo que dei durante esses anos, sempre em busca de olhar para frente e trilhar o caminho do bem. Agora vamos descer que o sol já está nascendo e quero ainda lhe mostrar outra beleza que tenho guardada lá embaixo.

Assim, os dois desceram e HGM ainda olhava para trás não acreditando nas coisas que acabara de ver e o que certamente ainda viria ao lado do Cientista Vladimir.

Cientista Vladimir disse:

— Meu jovem, perceba essa maravilha do sol nascendo, é um presente diário que DEUS nos dá, mas que poucos conseguem ver. Como falei, desde a primeira vez que vi, botei na cabeça que veria todos os dias e assim o fiz e farei até o meu último dia por aqui.

HGM estava diante de algo belíssimo e que a sua vida corrida na cidade grande nunca permitira ver, e o pior é que ele nunca nem pensou na possibilidade de querer

assistir logo tão cedo a obra do criador. Os dois ficaram apreciando em silêncio o imponente sol surgindo e brilhando todo aquele lugar, deixando-os concentrados, com um ar de leveza, de respiração calma, apenas recebendo a energia da estrela central do sistema solar. E por lá ficaram.

Passados alguns bons minutos, Cientista Vlademir comentou com HGM que o despertador ia tocar. E o galo Aristóteles, que reinava no galinheiro por mais de 10 anos, anunciava que já estávamos num bom horário para iniciar a lida e cuidar dos afazeres da casa.

Cientista Vlademir então levou HGM para um celeiro que guardava outra preciosidade e abriu sua grande porta de madeira e lá estava algo coberto por uma lona verde. Logo o Cientista Vlademir apresentou o que ele chamava de “minha princesa”.

Cientista Vlademir disse:

— Meu jovem aqui está outra grande paixão que tenho, esta é a “minha princesa” a única que Neuza permite dividir o meu coração.

Ele olhou para HGM e fez um gesto para que retirasse a lona, e assim surgiu uma belíssima moto onde na lateral tinha um carrinho acoplado para o transporte de outro passageiro.

HGM parecia uma criança ao ver a moto e logo perguntou se ainda funcionava, quando de repente surgiu Doutor Cristiano e já foi respondendo:

— Tanto funciona que daremos uma volta nela para aproveitar essa energia do sol, mas eu piloto, pois nem bicicleta você guia direito. (risos)

Doutor Cristiano foi em direção a moto, virou a chave e aquele ronco estrondoso ecoou pelo local. Cientista Vlademir logo disse:

— Eu sempre me emociono com o ronco da “minha princesa” e é uma pena que não consigo mais pilotá-la como antes, mas peguem aqui os capacetes e divirtam-se com cuidado.

Assim, os dois colocaram o capacete, HGM sentou no seu lugar na lateral e Doutor Cristiano saiu devagar pela estrada de terra apreciando a beleza do local e a oportunidade de pilotar uma máquina com tanta história.

Doutor Cristiano perguntou:

— Podemos passear e depois ir ao encontro de Pedrito Borracheiro, assim você resolve esse problema do seu carro, mas vou logo avisando que precisa ir na festa da cidade e ainda ficar por aqui mais uns dois a três dias em observação devido à pancada na cabeça.

HGM vivendo mais uma grande experiência concordou com tudo naquele momento e respondeu:

— Vamos aproveitar esse passeio por onde você quiser ir, depois iremos no borracheiro e sobre a festa, esta eu não perco por nada. E sobre ficar mais uns dias por aqui, eu já estava pensando nisso.

Os dois sorriram e Doutor Cristiano acelerou um pouco a moto levantando poeira pela estrada de terra e ambos tiveram a grandiosa sensação de liberdade.

HGM falou gritando:

— Mais um grande presente de Deus, acelere isso aí, mas lembre-se que ainda estou me recuperando do susto com a bicicleta. (*risos*)

Doutor Cristiano respondeu:

— Se segure que a poeira vai subir.

HGM respondeu:

— Estou bem firme, mas por favor, eu preciso passar na borracharia para falar com o Seu Pedrito e ver como ele poderá me ajudar.

Doutor Cristiano respondeu:

— Fique tranquilo, daremos um passeio e na volta iremos lá, pois por aqui todos os caminhos se cruzam.

E lá se foram eles que há dois dias nunca haviam se visto e hoje pareciam amigos de infância se divertindo. Observamos novamente as surpresas da vida, e assim como crianças, surge uma nova amizade, ninguém preocupado se terá algum retorno financeiro, apenas pelo simples prazer de trocar experiências, mesmo que durem algumas horas ou minutos, mas que a lembrança do momento seja marcante pela descoberta do novo.

Doutor Cristiano apontou para a placa da borracharia e HGM nem acreditou que passou tanta coisa apenas pelos pneus furados do seu carro.

HGM disse:

— Até que enfim encontrei a famosa borracharia, pois estou tentando por alguns dias chegar até aqui.

Doutor Cristiano respondeu:

— Calma que tudo tem o seu tempo certo para acontecer.

E assim pararam na borracharia. Logo surgiu Pedrito dizendo:

— Moço, já estava esperando você, meu filho avisou que precisava de ajuda, mas eu não poderia mexer no seu carro sem a sua autorização.

HGM sorriu e disse:

— O senhor não sabe o tanto que passei esses dias para poder chegar até aqui. Estou com dois pneus furados e meu carro está parado em frente a hospedagem de Dona Zezé, o senhor teria como ir até lá para consertá-los?

Pedrito respondeu:

— Rapaz, para tomar aquele café de Dona Zezé eu conserto pneu a qualquer hora do dia, faça chuva ou faça sol. Como lhe falei não fui sem a sua autorização para mexer no seu carro e por aqui minha família cresceu, acaba de chegar Carolzinha, minha herdeira mais nova.

HGM respondeu:

— Parabéns pela chegada de sua filha e pela educação do seu filho Geraldinho, que apesar de jovem, me ensinou muita coisa no período que conversamos.

Pedrito disse:

— Obrigado moço. Fique tranquilo que irei buscar seus pneus e trazê-los para consertar aqui, pois tenho mais recursos na oficina. Depois coloco tudo no lugar, deixando seu carro prontinho para pegar a estrada.

HGM perguntou:

— Posso lhe pagar lá na hospedagem, pois aqui estou sem dinheiro?

Pedrito respondeu:

— Meu rapaz, me pague hoje à noite na festa da cidade, estarei lá com a minha família. E aproveito para convidá-lo, pois agora à tarde faremos um cuscuz para comemorar a chegada da minha filha. É só chegar com fome e com sorriso no rosto que será bem-vindo.

HGM agradeceu:

— Muito obrigado pelo convite, mas não posso garantir que ficarei para o cuscuz, pois ainda tenho que

arrumar minhas coisas, acertar minha despesa na hospedagem, mas lhe encontrarei na festa da cidade e farei o pagamento do conserto, isso eu dou a minha palavra.

Pedrito respondeu:

— Está certo, nos veremos na festa e pode continuar seu passeio nessa maravilha de moto do amigo Vlademir que seu carro fica pronto em duas horas no máximo. O que vai demorar mesmo será a minha parada no café de Dona Zezé. (risos)

Pedrito pegou suas ferramentas, entrou no seu carro, e foi em direção a hospedagem. Doutor Cristiano e HGM seguiram no passeio de moto estrada de terra adentro.

Como uma coisa tão simples de ser resolvida pode gerar idas e vindas, novas amizades e novos aprendizados? Será que a velocidade do nosso dia a dia pode atrapalhar a realização de momentos inesquecíveis e sem rotina? Teríamos a oportunidade de sair do olho do furacão para perceber o que realmente nos realiza? Qual o momento em que você se encontra agora? Precisaria de um tempo para ouvir o seu coração? Reflita!

Voltando ao enredo, depois de passearem de moto chegaram novamente à casa de Cientista Vlademir que tinha uma grande surpresa para HGM que logo avistou a bicicleta toda consertada e já testada por Neuza.

Cientista Vlademir informou:

— Meu jovem, a bicicleta está como nova, mas recomendo que volte pedalando devagar, pois de aventuras por hoje tenho certeza que já valeu o passeio com a “minha princesa” e pelo que conheço do meu filho ele vai sugerir até te levar na hospedagem.

HGM respondeu:



– Muito obrigado, e realmente parece que nada aconteceu com a bicicleta, ela está como nova. Voltarei pedalando devagar, isso se já tiver autorização médica.

Doutor Cristiano respondeu:

– Está autorizado, mas iremos com você de bicicleta também até a festa e meus pais vão de carro.

Cientista Vlademir logo retrucou:

– Puxa, eu já estava me preparando para chegar de bicicleta também com Neuza na garupa. (*risos*)

Doutor Cristiano disse:

– Esse meu pai é realmente uma grande figura. Pelo que estou vendo só eu que ainda não estou pronto, mas tomo um banho rápido e troco de roupa.

Minutos depois estavam seguindo de bicicleta para a festa da cidade, Doutor Cristiano, sua esposa, o casal de médicos e HGM, logicamente que numa velocidade de passeio, para ninguém chegar suado e com terra no rosto.

Ao chegarem na praça principal da cidade, HGM logo percebeu a mudança na fachada das casas, onde estavam todas pintadas, várias fitas amarradas com bandeirinhas cruzando toda as ruas, barracas montadas, crianças brincando, idosos cantando em roda, famílias sorrindo, uma grande feira de utensílios e artesanato, mesas repletas de panelas de comida, bolos e jarras de suco. Um palco enorme ao lado da igreja com microfone e caixas de som.

HGM falou com Doutor Cristiano:

– Como eles fizeram tudo isso em tão pouco tempo?

Doutor Cristiano respondeu:

– Aqui tudo acontece com a força do povo e a fé em Deus. Agora vá logo tomar seu banho e se arrumar para a festa.

HGM viu seu carro com os pneus consertados e ainda percebeu que lavaram seu carro.

HGM sorriu e disse:

– Quanta surpresa boa, pneus prontos, carro lavado e essa festa na cidade. Agora vou correr para falar com Dona Zezé, tomar um banho e me trocar para ficar com vocês.



## *Festejando a vida*

É incrível como uma festa anima as pessoas e as torna mais próximas, ainda mais numa cidade onde todos estão sempre exercendo a cidadania, promovendo a igualdade e fazendo a esperança brotar em cada amanhecer. Viver numa sociedade mais justa, com consumo consciente e onde se vive por um ideal de oportunidades iguais para todos pode ser um grande sonho, mas em várias partes do mundo existem pessoas que labutam com o objetivo de fazer a vida dos outros ficar melhor, no referido caso podemos citar os professores, que entendem a sua importância, fazem a diferença diariamente e não se sentem desmotivados ao ponto de abandonar o barco na primeira enchente. Assim são também os pais, mães e avós que sempre estão por perto para quando o calo apertar. Encontramos também pessoas com um senso de fraternidade tão grande que mesmo com pouco conseguem compartilhar para tantos, abrigo, comida, carinho, agasalhos e outras necessidades emergenciais.

*Vejamos as surpresas que a festividade nesta cidade nos trarão de alegria e riqueza, onde um povoado com sua sabedoria consegue colocar em prática algo que alguns sonham como um ideal social.*

HGM entrou na hospedagem e logo encontrou Dona Zezé com um vestido colorido, uma rosa no lado direito do cabelo e aquele sorriso que vira desde o momento que chegou na cidade.

Dona Zezé quando avistou HGM logo disse:

— Meu filho, já soube do acidente, mas vejo que foi muito bem tratado na casa do Cientista e aqui seu carro já está prontinho. Agora entre, tome um banho, coloque uma roupa limpa que te espero para irmos à barraca central da festa.

HGM respondeu:

— Dona Zezé, estou ótimo e ao mesmo tempo eufórico como uma criança no dia do seu aniversário. Vou tomar um banho rápido e já volto, por favor, me espere.

Em poucos minutos HGM já estava pronto, com sua barba aparada, um creme no cabelo e vestido com uma camisa branca de tecido e manga longa, uma bermuda marrom e uma sandália de couro. Não usava cordões, pulseiras e nem relógio, pois parecia ter esquecido algumas de suas vaidades e aprendera a importância do ser e não do ter.

HGM disse:

— Dona Zezé, vamos? Já estou pronto.

Dona Zezé respondeu:

— Está bonito meu filho, assim pode arrumar uma namorada na festa. (*risos*)

HGM sorriu e respondeu:

— Dona Zezé, eu quero é ser feliz e seguir recebendo as surpresas de DEUS, e que seja feita a vontade dele. Agora vamos andando, pois vi umas panelas bem gran-

des de comida e o cheirinho entrou no meu nariz no momento em que passei por perto.

Dona Zezé respondeu:

— Algumas panelas saíram aqui da minha casa que eu mesma preparei.

HGM logo disse:

— Então vamos correr, porque minha fome aumentou só de ouvir isso. (risos)

E assim foram em direção a barraca central da festa, percebeu a chegada de várias pessoas que ele havia conhecido, vendo logo a Professora Matilde, Compadre Figueiredo e sua esposa, Seu Philomeno, Cientista Vlademir e Dona Neuza, Doutor Cristiano, sua esposa e amigos, Seu Bigode do posto, Pedrito borracheiro e toda a sua família, além de várias crianças e algumas pessoas que ele ainda não tinha conhecido.

HGM vendo todas aquelas pessoas reunidas chegou a se emocionar, e sentiu seus olhos se encherem de lágrimas, pois todos o trataram como se fosse um amigo de infância, dividiram suas experiências, sua casa, sua comida e vários momentos de alegria. Nesse momento HGM não queria que esta festa terminasse e que sua vida deveria ser com a mesma felicidade dos últimos dias. HGM viu um microfone no palco e sentiu uma vontade enorme de subir e agradecer a todos que o ajudaram, mesmo sabendo que todos iriam dizer que apenas fizeram o que acreditavam ser o necessário para viver em harmonia.

Dona Zezé vendo que a maioria dos amigos já haviam chegado na barraca central, levantou a sua mão direita e todos rapidamente se viraram para ela como se soubessem o que estaria por vir. Cientista Vlademir bateu forte

com a palma da mão por três vezes e era como se anunciasse a abertura da festa e que o próximo passo seria escutar o pronunciamento de Dona Zezé.

Cientista Vlademir anunciou:

— Meus amigos, chegou o grande momento e nossa tradição segue conforme os ensinamentos do passado. Dona Zezé vai dizer algumas palavras.

E tocaram o sino da igreja com três badaladas bem fortes, seguidas por cinco badaladas de um pequeno sino tocado por “compadre” Figueiredo que era um grande animador de festas da região.

Dona Zezé em seguida começou a falar:

— Vamos todos agradecer a DEUS por mais esse momento em nossas vidas e que possamos sempre multiplicar o amor em nossos lares, nunca deixando faltar alimento, carinho, paz, acolhida e uma boa prosa. Assim, em mais um ano, informo que está iniciada a nossa festa e que tenhamos muitos sorrisos, muitas emoções, muitos amores renovados e outros novos, que nossas crianças continuem crescendo felizes e que nós adultos nunca deixemos a criança que existe dentro de nós se apagar. Para os que não são da cidade, informo que a boneca no topo do telhado de minha hospedagem significa exatamente isso, que devemos sempre nos lembrar de nossa infância com muita felicidade e carinho, pois nossos pais sempre nos deram muito amor em nossos lares. E por falar em amor, que nossas casas estejam sempre de portas abertas para receber a quem precisa, que sempre tenhamos alimentos para compartilhar e uma boa rede para se deitar. Que nossos idosos sempre estejam cercados de crianças para ouvirem suas histórias e assim valorizarmos nosso

passado, e que a educação seja igualitária, onde possamos manter os ensinamentos da Professora Áurea e do Cientista Vlademir, que durante anos se dedicaram a lecionar e a construir uma sociedade mais justa. Assim, declaro que nossa festa está aberta, e que possamos dividir nossos alimentos, descobrir novas histórias e multiplicar o amor em nossos corações.

“Compadre” Figueiredo sempre muito irreverente logo disse:

— Meu DEUS, já estou desmaiando de fome, acabe logo isso muié.

E todos riram.

E lá se foram os jovens da cidade para dentro da barraca central, onde começaram a preparar pratos para servir os mais idosos, sempre perguntando o que eles queriam e que poderiam se sentar que seriam bem servidos e tratados com todo respeito que mereciam. Logo em seguida, outro grupo de jovens servia as mulheres grávidas e as mães que estavam com bebê no colo. Outro grupo de jovens servia as crianças e Dona Zezé organizava tudo com uma maestria digna de banquete para reis e rainhas.

Com todos devidamente servidos, chegou o momento que apareceu no palco uma jovem senhora que falou ao microfone, com cabelos enrolados, com um vestido tipicamente regional de cores vermelhas, um grande sorriso e com uma aparência devidamente emocionada. Tratava-se da filha mais jovem da Professora Áurea, que também se tornara professora, morava numa grande capital e que só vinha à cidade uma vez por ano para essa festividade.

A jovem senhora iniciou suas palavras ao microfone:

— Boa noite a todos, estar novamente aqui com vocês me leva direto ao túnel do tempo para grandes momentos de alegria ao lado de minha mãe. Exerci durante 40 anos a minha profissão de professora, agora me dedico a cuidar dos meus netos, cuidar do meu marido, visitar meus filhos e a fazer novos amigos por onde passo. Quis o destino que logo cedo eu tivesse que me mudar daqui, mas os ensinamentos, os valores e o amor ao próximo sempre estiveram e estão caminhando em todas as minhas ações, sendo assim e com o apoio de vocês, todo ano retorno para esta festa maravilhosa de nossa cidade para agradecer a todos por tudo que sempre aprendi com vocês, e ainda para informar também que hoje sou uma pessoa realizada por poder semear a igualdade existente em nossa cidade por todos os locais por onde morei. Muito obrigada meus amigos, irmãos, tios e professores por tudo que me ensinaram até aqui. Agora eu quero chamar aqui no palco nossas mulheres fortes da cidade, por favor, venham aqui rapidamente, Dona Zezé, Professora Matilde, Dona Neuza, Lelinha e os amigos que não moram na cidade, mas que por algum motivo estão aqui hoje.

Assim, subiram as moradoras que foram chamadas. HGM meio constrangido fingiu não ter ouvido o chamado e não subiu.

Dona Zezé pegou o microfone e logo disse:

— Eu já falei demais, agora, com vocês, a Professora Matilde.

Professora Matilde sempre feliz logo disse:

— Boa noite a todos, estou muito feliz por estar aqui mais um ano. Quero agradecer a todas as crianças que sempre estão por perto para ouvir minhas histórias, res-



peitar a minha idade e meu passado. Um grande beijo a todos.

Dona Neuza foi a próxima:

— Oi gente, tudo bem? Estou muito feliz também por estar aqui e que vocês possam comer a pamonha e o curau que eu fiz com todo amor e carinho.

Lelinha com sua filha no colo pegou o microfone:

— Boa noite pessoal, quero apresentar a vocês que ainda não conhecem, esta é Caroline, minha nova filha, vejam como ela é linda. Prometo a vocês que não passarei de vinte filhos. *(risos)*

Dona Zezé pegou o microfone para encerrar e disse:

— Tem mais alguém que gostaria de dizer algumas palavras? Relatar alguma boa experiência vivida nos últimos dias aqui na cidade, pode ser morador da cidade ou não.

HGM ficou mais vermelho que camarão, mas deixou sua timidez de lado e levantou a mão, ainda que meio discreta, mas se propôs a subir no palco.

Dona Zezé logo disse:

— Vem logo aqui meu filho, eu já ia lhe chamar de qualquer jeito. *(risos)*

HGM subiu no palco com um ar renovado, superou alguma possível vergonha de falar no microfone, encarou a cidade e as pessoas de peito aberto e começou a dizer:

— Queridos amigos, se é que posso chamá-los assim. Entrei na cidade para consertar os pneus do meu carro que estavam furados e acabei consertando a minha vida. Quando cheguei aqui, vivia correndo de um lado para o outro em busca de preencher algum vazio que sentia no meu coração. Estava sempre correndo, pensando em

desenvolver novos negócios, não tinha tempo para nada, pensava em “Ter” e esquecia do “Ser”, me faltavam valores, ou melhor, eu tinha valores, mas andavam esquecidos num passado perdido, tinha uma rotina de exaustão, física e emocional, me sentia sempre cansado e via que o tempo era curto para desenvolver toda a minha agenda. Peraí, eu disse agenda? Me desculpem. Não sei mais o que é isso e não pretendo mais tê-la no meu dia a dia. Quero poder respirar, compartilhar ideias produtivas, conversas pelo bem social, quero promover cidadania, trocar experiências sem falar em dinheiro. Em poucos dias aqui na cidade pude aprender tantos valores com pessoas que se abriram a me ajudar, colocaram suas vivências a meu favor, me ensinaram com exemplos como tomar as melhores decisões sempre em busca de um ideal transformador. Não precisamos viver presos ao consumo, nem tampouco presos a nossa mente, temos que sorrir e agradecer a DEUS por cada experiência passada, cada gesto tem um motivo para acontecer e saber aproveitar esse aprendizado nos faz caminhar com mais calma, nos tornando pessoas mais sensíveis, mais ouvintes, sabendo valorizar o momento em que alguém quer nos relatar algo e nos mostrar como passou por determinada experiência. Estou falando de uma grande aula da vida, onde pessoas buscam equilíbrio social, sabem a importância de transmitir energias positivas e de dividir suas riquezas. Meu DEUS, como aprendi muito aqui com vocês. No início eu achava tudo estranho, as pessoas me agradando sem me conhecer, as surpresas de cada dia me colocando em situações onde eu precisava de amparo e mesmo com tanta fartura em nenhum momento se falou em dinheiro, em

pagamento, em retornos financeiros. Cheguei até a pensar que estivesse num grande sonho e que ao acordar ia perceber que tratava-se de um delírio da minha mente, mas não, tudo foi verdadeiro, todas as sensações foram de enriquecimento, todas as pessoas agindo como grandes professores dispostos a me mostrar o caminho e a compartilhar algo de precioso que era o amor pela caridade, o amor ao próximo e à vida.

Nesse momento HGM e outros tantos que ali estavam já não continham as lágrimas, quando de repente ele percebeu uma grande luz sobre a cabeça de uma pessoa ali na festa, onde a luz de forte foi ficando fraca e um rosto feminino surgiu com tanta clareza que começou a sentir uma enorme vontade de descer do palco e abraçá-la, tendo a sensação que já conhecia aquela mulher e que tinham um caminho a percorrer juntos. Assim, HGM entregou o microfone para a Professora Matilde e ficou ali olhando compenetradamente para aquele rosto.

Professora Matilde com o microfone em mãos fez um anúncio:

— Meus amigos, preciso dar uma grande notícia a todos vocês, minha neta chegou e recém-formada, agora temos mais uma professora na família disposta a continuar o meu trabalho, digo, o nosso trabalho. Sobe aqui minha neta, vem aqui Maria e diga umas palavras também. HGM começou a suar frio, pois aquela luz num rosto feminino era de Maria, a neta da Professora Matilde que agora vinha em sua direção, e subia ao palco.

O coração de HGM acelerou mais do que a moto do Cientista Vlademir e Maria ao passar por ele, sem querer encostou seu braço no dele e de imediato tiveram a sensa-

ção de um choque, algo como se já tivessem trocado um longo abraço. Maria ficou ao lado de HGM esperando ser apresentada oficialmente como professora, virou o rosto para ele, deu um sorriso, olhou fixamente em seus olhos e pegou o microfone para dizer algumas palavras.

Maria disse:

— Em primeiro lugar gostaria de agradecer a DEUS pela oportunidade de estar aqui com vocês e agora como professora habilitada me dedicarei a grandes projetos aqui em nossa cidade. Muito obrigado pela confiança de todos e que possamos continuar a transmitir esperança e igualdade a nossas famílias.

Dona Zezé chorava de soluçar, pois sabia que mais uma alma tinha sido salva ali na sua cidade e era a de HGM. Ela logo se lembrou que quando criança, sua mãe dizia que sempre que tivesse algum problema como tristeza, angústia ou medo, era só ir dormir no quarto dos mistérios purificados, aquele que HGM estava hospedado. No fundo ela sabia que aquelas palavras de sua mãe lhe serviam como um apelo emocional para fazer com que ela resolvesse seus problemas através da fé em Deus, e que o quarto era apenas uma forma de estreitar a sua intenção de acalmar o seu coração.

A festa e as emoções se estenderam noite afora, tornando as pessoas mais amáveis, mais sociáveis e com a certeza que seguir pelo caminho do amor e do nosso Pai sempre será a melhor trajetória em nossas vidas.

HGM ficou a noite toda trocando olhares com Maria, mas ele sabia que precisava voltar para a sua vida fora da cidade, mesmo com certas dúvidas sobre isso, mas tinha que retomar seus negócios e suas obrigações. Assim

HGM aproveitou toda a festa, conversou com várias pessoas e na hora em que se preparava para voltar para a hospedagem percebeu que Maria estava ali na sua frente e mais corajosa que ele tomou a iniciativa para dizer algumas palavras:

— Olá, me chamo Maria, espero que tenha gostado de sua passagem em nossa cidade e possa voltar mais vezes. Como deve ter ouvido falar, sou neta da Professora Matilde e voltei agora para a cidade para dar sequência no ensino e em projetos educacionais para todos. Tenho em mente uma nova proposta, e tão logo eu consiga concretizá-la pedirei para alguém lhe avisar, para que você volte para a inauguração do nosso novo espaço educacional.

HGM tremia de nervoso, queria falar, mas não conseguia, tinha vontade de dizer o que sentiu quando a viu pela primeira vez, mas na hora só conseguiu dizer:

— Eu voltarei sim.

Assim, eles se despediram e certamente HGM ficou com a “pulga atrás da orelha” por não conseguir dar sequência naquela conversa, e foi direto para a hospedagem dormir para sair bem cedo no outro dia.

Todos já se recolhiam para suas casas, e Dona Zezé ainda emocionada com tudo aquilo olhou para HGM e disse:

— Meu filho, espero que tenha vivido grandes experiências por aqui e que reflita sobre todos os caminhos que já percorreu, pois a vida é muito curta e não temos tempo a perder com a tristeza, portanto, seja feliz todos os dias e realize os seus sonhos com toda a sua energia.

HGM deu um abraço apertado em Dona Zezé, os dois choraram de felicidade e agradecimento por terem se conhecido.

HGM disse:

– Dona Zezé, obrigado por tudo e que tenha muita saúde para continuar sendo essa pessoa maravilhosa que seus amigos tanto amam. Agora eu preciso acertar a nossa conta aqui na hospedagem e amanhã bem cedo pegarei estrada.

HGM assinou um cheque com um valor muito acima do que seria cobrado e disse:

– Dona Zezé, por favor, aceite este pagamento, mesmo acima do que a senhora me cobraria, mas os momentos que aqui vivi foram os mais importantes da minha nova vida.

Dona Zezé respondeu:

– Meu filho, aceitarei o justo que seria cobrado pela sua hospedagem e o restante faremos algumas doações ao projeto da Maria, lembra-se dela?

HGM sorriu e disse:

– É claro que me lembro e acho que demorarei a esquecer aquele sorriso.

Assim os dois foram dormir com um sorriso no canto da boca, sabendo que a vida poderia estar ofertando outra grande surpresa.



## *A despedida de uma vida antiga*

No relógio marcava 5 horas, o galo começava a cantar e o sol surgia lindo como sempre para iluminar mais um grande dia. HGM já estava com a mala pronta, se levantou, correu para tomar um banho e colocou sua roupa confortável para seguir viagem. Lá fora, a mesa de café já estava pronta e Dona Zezé já o esperava com o mesmo sorriso do primeiro dia.

Dona Zezé disse:

— Bom dia meu filho, vamos tomar café? Você só sairá daqui depois disso e tenho também uma encomenda que deixaram aqui bem cedo para você.

HGM respondeu:

— Uma encomenda? Quem deixou?

Dona Zezé desconfiava de quem seria, mas não queria falar nada sobre isso. HGM pegou a encomenda e foi direto tomar café, deixando para abrir durante a viagem. Assim, tomaram o delicioso café, novamente se despediram e HGM entrou no seu carro com muita alegria no coração, novos pensamentos, novas ideias e uma grande vontade de criar algum projeto para ajudar as pessoas.

Ao sair da cidade ele resolveu parar no posto do “Seu Bigode” para agradecer por tudo, desceu do carro e deu um grande abraço no amigo que disse:

— Até breve moço, espero que tenha aproveitado cada minuto em nossa cidade.

HGM agradeceu e quando foi ligar novamente seu carro, se lembrou da encomenda e resolveu abri-la. Pegou o envelope com calma, abriu sem querer rasgar todo o papel e retirou o presente. Era uma fotografia revelada em preto e branco tirada pelo Cientista Vlademir na festa de ontem que mostrava HGM ao lado de Maria com uma forte luz sobre suas cabeças, e no verso da foto estava escrito: “O seu coração será preenchido por um grande amor que mudará definitivamente a sua vida”.

Depois de ler isso, alguém gritou para Seu Bigode:

— Bigode, meu sítio está à venda com porteira fechada, tem um galpão enorme que já está limpo, tem a horta a todo vapor, as árvores frutíferas produzindo muito, tem um pequeno galpão de marcenaria e deixarei com minhas ferramentas todas organizadas, deixo duas bicicletas, duas vacas, um cavalo, além da casa de madeira toda mobiliada e a cerca branca de madeira que acabei de pintar, só vou sair mesmo pois recebi outra fazenda de herança e prometi a meu avô que cuidaria para sempre das terras dele. Sabe de alguém interessado?

HGM escutou tudo aquilo e disse:

— Eu compro com porteira fechada. Amigo, será que esse galpão serviria para virar uma sala de aula?

*Fim*





## *Nota do autor*

Acredite em você, na sua família e no seu sonho, busque realizá-lo com todas as suas forças, tenha sempre em mente que não estará sozinho e que uma grande luz de fé e esperança será o seu combustível para prosseguir, não deixando que ninguém tire a sua capacidade de perseverar por uma grande conquista.

Seja feliz colocando Deus em primeiro lugar, pois Ele sempre está ao seu lado e de sua família.

**LUIZ GERALDO DE SOUZA MOURA JUNIOR**  
SÃO PAULO, 17 DE DEZEMBRO DE 2015, AS 19:57 HORAS.







## *Sobre o Autor*

Luiz Geraldo de Souza Moura Junior, natural do Rio de Janeiro, filho de Rita Maria Aparecida Oliveira Moura (baiana) e Luiz Geraldo de Souza Moura (alagoano), fez Mestrado em Gestão (UTAD, Portugal), é Pós Graduado (UFRRJ), formado em Educação Física (UFRRJ) e Direito (UNESA).

Fundador da MKPRO que promove o empreendedorismo e inovação para profissionais do esporte e da educação. Autor do Livro: Transformando suas ações (2015) que estimula as pessoas a construírem seus projetos de vida.

É um apaixonado pelo seu trabalho e continua acreditando no poder da educação para modificar o caminho das pessoas.





Conheça nossas outras obras:

[www.spzeditora.com.br](http://www.spzeditora.com.br)

Conheça a MKPRO

[www.mkpro.com.br](http://www.mkpro.com.br)

Composto em Palatino Linotype 11/15 sobre papel pólen soft 80g/m<sup>2</sup>